



CAMILA DE JESUS FRANÇA

**UMA ANÁLISE DO DISCURSO MACHISTA E SUA
REPRESENTAÇÃO ESTEREOTIPADA NO DISCURSO
JORNALÍSTICO**

**LAVRAS – MG
2019**

CAMILA DE JESUS FRANÇA

**UMA ANÁLISE DO DISCURSO MACHISTA E SUA REPRESENTAÇÃO
ESTEREOTIPADA NO DISCURSO JORNALÍSTICO
AN ANALYSIS OF SEXIST DISCOURSE AND ITS STERYOTYPE
REPRESENTATION IN JOURNALISM DISCOURSE**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do curso de licenciatura em Letras, para a obtenção de título de licenciada.

APROVADA em 28 de NOVEMBRO de 2019.

Prof. ^a Dra. Maria Eugenia Batista UFLA

Prof. Luiz Guilherme Esteves da Silva UFLA

Prof. Dr. Márcio Rogério de Oliveira Cano UFLA

Prof. Dr. Márcio Rogério de Oliveira Cano

Orientador

LAVRAS – MG

2019

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu Aba, pela presença acolhedora e constantemente amorosa.

Ao professor Doutor Márcio Rogério de Oliveira Cano, pela orientação e pela ajuda na construção deste trabalho. Agradeço, pela paciência, simpatia e pelas boas palavras em momentos em que o medo de não dar certo aparecia.

A todos os professores da Universidade Federal de Lavras que passaram pela minha vida acadêmica. Obrigada pelas discussões, aprendizado e amadurecimento.

Aos membros do grupo de pesquisa: *Leitura e Produção de Discurso* (GPLPD).

À minha mãe, Francisca pela presença incessante e acolhedora, pela demonstração de carinho e de cuidado.

Ao meu namorado, Francisco pelas palavras de ânimo e pelo abraço acolhedor.

Aos meus colegas de graduação, pelos momentos de distração.

Às minhas amigas de graduação, Beatriz, Lara, Letícia e Maria Eduarda por todos os momentos bons e difíceis compartilhados.

À minha amiga, Luciane Santos pela leitura cuidadosa deste trabalho a partir de sua visão como leitora.

Aos meus familiares, em especial meu avô Sebastião (*in memória*) de quem tenho muita saudade.

“O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.”

Michel Foucault

RESUMO

Este trabalho tem como temática o discurso midiático e a necessidade de entender os processos da atopia na sua relação com o discurso político. Tal perspectiva leva à reflexão sobre algumas questões: a de discurso, a de gênero e a de machismo no discurso político apresentado no jornal *Folha de S. Paulo* no período pós-eleitoral de 2014, o qual constitui o corpus. *A priori*, essas relações surgem a partir da perspectiva teórica da Análise do Discurso, que observa os atos de linguagem articulados às condições de produção, interdiscurso e construção do sujeito. Elegeu-se como *corpus* o jornal, que é uma produção discursiva relevante. Partimos dos estudos de Maingueneau (2008) de que o discurso machista é um *discurso* atópico, ou seja, que está à margem da sociedade, impregnando outros discursos, mas que pode ser compreendido a partir da Análise do Discurso, principalmente pelos princípios da Semântica Global. Ademais, detectamos que há uma desigualdade entre homens e mulheres e há um processo de estereotipagem que delimita o lugar em que ambos devem ocupar socialmente. Portanto, a pesquisa propõe um estudo sobre a construção da diferença dos candidatos Dilma Rousseff e Aécio Neves na política através do contexto histórico-cultural. Assim, observamos os estereótipos que estão presentes no nosso imaginário sociodiscursivo e como ocorre o processo interdiscursivo que contempla as relações de gênero estabelecidas dentro da política que se materializam no discurso jornalístico.

Palavras Chaves: Análise do discurso. Discurso machista. Discurso jornalístico.

ABSTRACT

This paper thematizes media discourse and the necessity to understand the processes of atopy related to the political discourse. Such perspective leads to a reflection on some issues: the discourse, the genre and sexism in the political discourse published in the *Folha de S. Paulo* newspapers in the post-election period of 2014, which constitutes the corpus. A priori, these relations arise from the theoretical perspective of Discourse Analysis, which observes the articulated acts of language, such as conditions of production, interdiscourse and construction of the subject. For this work, it was chosen, which a relevant discursive production is. We stem from the assumption that sexist discourse is an atopic discourse that lives on the fringes of society, imprinting other discourses, but it can be understood from Discourse Analysis, mainly by the criteria of Global Semantics. Furthermore, we noted that there is an inequality between men and women and there is a stereotyping process that delimits the place where both of them should occupy. Therefore, the research has requested a study of gender differences in politics through the historical-cultural context. We analyzed the stereotypes present in our sociodiscursive imaginary and how there is an interdiscursive process that contemplates the gender relations used within politics that is materialized in the journalistic discourse.

Keywords: Discourse Analysis. Sexist discourse. Journalistic discourse.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	1
2 ANÁLISE DO DISCURSO.....	2
3 INTERDISCURSO.....	3
3.1 Discurso da Mídia.....	6
3.2 Discurso Machista.....	8
4 ESTEREÓTIPO.....	10
5 SEMÂNTICA GLOBAL.....	12
6 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO.....	16
7 METODOLOGIA.....	18
8 ANÁLISE DO CORPUS.....	19
8.1 Análise dos dados.....	34
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REREFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	39
ANEXOS.....	41

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho se constitui a partir de uma preocupação de relacionar os estudos da linguagem com a sociedade. Pois essas inquietações e indagações estão muito presentes na área de Letras, principalmente por parte da sociedade, que por vezes não compreende a importância dos estudos linguísticos. Logo, essa pesquisa teve como motivação explicitar que os estudos da linguagem estão muito relacionados aos aspectos sociais.

Assim, ao olharmos a partir desse prisma, buscamos detectar como é estabelecida a relação entre o machismo e o discurso. Logo, é importante ressaltar que escolhemos estudar o machismo, como sendo um discurso, apesar desse não ser aceito socialmente. Assim, observamos a forma com que ele está presente no discurso político, e em seguida como é construído no discurso jornalístico. Dessa forma, construímos essas relações a partir da perspectiva da Análise do Discurso que se constitui por uma base interdisciplinar, pois conta com a inserção de diversas outras disciplinas para explicar os fenômenos que ocorrem na linguagem.

Portanto, essa análise não é sobre um discurso cotidiano, como exemplo o discurso publicitário, mas sim sobre um discurso que está à margem desses discursos que são aceitos socialmente. Diante disso, postulamos como campo de análise o discurso jornalístico e elegemos um espaço de análise dentro desse discurso que é o machismo no discurso político. Assim, buscamos detectar como esse discurso machista, que depende de outro para existir, atravessa esse discurso legitimado.

A nossa análise centra-se no discurso jornalístico, pois consideramos o jornal um espaço de notícia que tem uma grande circulação e traz consigo uma gama de informações. Além disso, esse é constituído a partir de diversos outros discursos e a partir dessa heterogeneidade, escolhemos nesse espaço o discurso político para observar a atopia presente na interdiscursividade do discurso político no discurso jornalístico.

Ademais, este trabalho segue os pressupostos estabelecidos por Maingueneau que contribuiu diretamente para a construção das nossas análises, principalmente com relação aos discursos atópicos, que são sistematizados por Maingueneau (2010b), citado por Cano (2012). Logo, também traçamos, portanto, a presença do discurso machista no discurso político, a partir dos estudos de Maingueneau (2008) por meio da semântica global, utilizando os estudos sobre: *intertextualidade*, *vocabulário* e *tema* que constroem possíveis formas dos discursos atópicos atravessarem os discursos tópicos.

A partir dessa perspectiva, detectamos a presença de um estereótipo baseado na desigualdade de gênero e na submissão da mulher frente ao homem, mesmo quando ambos ocupam cargos de um mesmo nível ou quando ela é superior a ele em questões hierárquicas relacionadas à política. Assim, priorizamos textos jornalísticos em que supostamente não haveria uma relação com o machismo. Além disso, nos chamou a atenção o fato de que as eleições do ano de 2014 foram muito intensas com relação expressiva de dois candidatos- Dilma Rousseff e Aécio Neves – na eleição presidencial do Brasil. Na ocasião, existia uma polarização muito grande por parte da mídia a respeito dos candidatos. Assim, despertamos para observar o motivo desse antagonismo ter continuado mesmo após o final das eleições e tendo uma presidenta eleita de forma democrática.

Para alcançar nossos objetivos, fundamentamos em Charaudeau (2007) a partir de seus estudos sobre o discurso das mídias. Por fim, caminhamos para análise do *corpus* constituído por textos jornalísticos do jornal Folha de São Paulo, no período pós-eleitoral de 2014.

2 ANÁLISE DO DISCURSO

A análise do discurso, doravante AD, é uma disciplina que se relaciona diretamente com o contexto a que está estabelecida, e mantém associações com as condições de produção vigentes para a criação de um determinado discurso. Dessa forma, a AD é um campo de estudo que cultiva relações com a língua e as ideologias que a permeia, essas associações se materializam no discurso. Portanto, todo discurso hoje existente percorreu um processo sócio histórico que deu margem para a enunciação em diferentes circunstâncias; este se materializa através da linguagem que permite que a sociedade produza o enunciado. Ademais, a AD desde seu início se vê pelo viés de uma ruptura e a necessidade de articulação com outras áreas do conhecimento em especial a linguística, materialismo histórico e a psicanálise.

Assim, fica claro que a AD não é uma disciplina autônoma, ela apresenta o objeto discursivo que deve ser trabalhado no limiar das divisões disciplinares materializado na linguística e na história. Segundo Maingueneau (1995), citado por Maingueneau (2007, p.18),

O discurso somente se torna verdadeiramente objeto de um saber se ele for assumido por diversas disciplinas que possuem cada uma um interesse específico: sociolinguística, teorias da argumentação, análise do discurso, análise da conversação, análise crítica do discurso compreendendo esta o conjunto das disciplinas que abordam o discurso.

Dessa forma, o discurso se desvincula da linguística e se concentra na língua e nas demais ciências que o utilizam para explicitação de uma enunciação. Posto isso, existe uma estrutura de enunciabilidade que surge por meio da linguagem para que a sociedade produza um enunciado, mas não se pode considerar que o discurso é um modo de produção social, pois esse lugar social é visto como um posicionamento de um campo discursivo. Ademais, como o discurso acessa diversas áreas do conhecimento de humanas que se relacionam com as teorias linguísticas através dessas relações, ocorre um processo no qual se debate os vínculos existentes entre esses. Nessa perspectiva, defendemos a ideia de Cano (2012) de que centralidade não está na teoria, mas no sujeito que vê, por meio da teoria, um fenômeno empírico e, dessa relação surge uma explicação.

Portanto, para se analisar um determinado discurso utiliza-se da teoria, como também reflete-se sobre ela, e dessa forma acaba-se a expandindo propondo novas perspectivas para a mesma. Para Maingueneau (2007, p.16),

A análise do discurso não veio simplesmente preencher um vazio na linguística do sistema, como se a Saussure tivéssemos adicionado Bakhtin, ou ainda como se a uma linguística da «língua» acrescentássemos uma linguística da «fala». É verdade que ela mantém um elo privilegiado com as ciências da linguagem, domínio ao qual pertence – pelo menos na concepção que prevalece em geral, e particularmente na França; todavia, seu desenvolvimento implica não apenas uma extensão da linguística, mas também uma reconfiguração do conjunto dos saberes.

Assim, a análise discurso torna-se heterogênea com relação ao que é proposto dentro do discurso, que se divide em um procedimento analítico e um procedimento integrativo. O primeiro é ilustrado por Michel Pêcheux que se inspirou no marxismo filosófico de L. Althusser para compreender as relações de poder político da época e em Lacan aprofundando seus estudos em psicanálise no intuito de desfazer as continuidades dos enunciados de modo que suas relações interiores fossem invisíveis e isso consolidou espaço de estudos para AD.

A partir disso, o discurso se amplia e passa a concomitar com outros discursos e se torna um processo ideológico e histórico. Assim, na medida em que os discursos se estendem, o analista do discurso pode escolher *corpora* de diferentes elementos para análise no interior do interdiscurso, apoiando sobre as relações imprevistas nestes que é o objetivo da AD (BRANDÃO, 2004).

3 INTERDISCURSO

Visto que o discurso se materializa através das relações com outras formações discursivas, Maingueneau (2008) apresenta como princípio básico de suas reflexões o interdiscurso. Esse fenômeno é observado a partir da heterogeneidade do discurso dividido entre heterogeneidade “mostrada” e “constitutiva”. A primeira é perceptível ao aparelho linguístico, a segunda não é marcada na superfície linguística e é nesta que o interdiscurso se inscreve. Assim, “a unidade de análise não é o discurso, mas um espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos.” (MAINGUENEAU 2008, p.33).

Para uma melhor apreensão do que venha ser interdiscurso Maingueneau (2008) desenvolveu as análises a partir da tríade: universo discursivo, campo discursivo, espaço discursivo. A interação de todas as formações discursivas é tida como universo discurso e este é um conjunto finito, mas que é bastante amplo e não pode ser compreendido em sua totalidade. Nesse sentido, ele delimita os horizontes que serão estudados em relação ao discurso dividindo-se em campos discursivos. Tais campos formam “um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, se delimitam reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo” Maingueneau (2008, p. 35). Ou seja, podem estar em afrontamento, aliança ou neutralidade. Além disso, esse recorte em campos discursivos nos permite delimitar o objeto de pesquisa e observar as formações discursivas existentes. Assim, um discurso não se constitui da mesma forma que os outros discursos de um campo e isso se evidencia através da heterogeneidade existente, pois o campo discursivo possui fronteiras que o delimitam, e dessa forma, os outros discursos que ocupam esse mesmo espaço serão subjacentes e organizados em função de um discurso maior. Por exemplo, os discursos políticos, do humor, da propaganda vão funcionar em função das fronteiras do discurso jornalístico e não de si próprios. Sendo assim, os campos são recortados em espaços discursivos que nos permitem compreender o discurso em toda sua concretude.

Assim, o espaço discursivo são recortes que o analista faz dentro do campo discursivo, o qual ele julga relevante fazer um comparativo associando, por exemplo, dois discursos. Para isso é necessário um conhecimento histórico para se levantar hipóteses, pois não é possível entrar no interdiscurso sem saber historicamente do que ele é constituído. Isso permite que o analista identifique elementos que possibilitam a sobreposição de um ou mais discursos sobre o outro, levando em consideração os elementos semânticos, pois são esses que circunscrevem as peculiaridades de um discurso que condiz com a definição desse discurso com o Outro.

No espaço discursivo, o Outro não é nem um fragmento localizável, uma citação, nem uma entidade exterior; não é necessário que seja localizável por alguma ruptura visível da compacidade do discurso. Encontra-se na raiz de um Mesmo sempre já descentrado em relação a si próprio, que não é em

momento algum passível de ser considerado sob a figura de uma plenitude autônoma. É o que faz sistematicamente falta a um discurso e lhe permite fechar-se em um todo. É aquela parte de sentido que foi necessário que o discurso sacrificasse para constituir sua identidade. (MAINGUENEAU, 2008, p.39).

Portanto, não há como um enunciado reivindicar autonomia em seu discurso devido à sobreposição do Mesmo e do Outro, pois o Outro é a parte constitutiva da identidade do discurso e ele se encontra diluído na raiz do Mesmo, que não está centrado em si. Assim, os discursos mantêm uma relação de gênese, ou seja, eles estão em simbiose, pois não há um discurso que não dependa do outro e estes se formam no interior do interdiscurso, em que há uma zona semântica que estrutura a coesão dos discursos.

Para se compreender o interdiscurso é necessário um olhar mais atento às suas condições históricas, suas relações com o social que acompanham as formações discursivas. Ademais, os discursos não são traduzidos da mesma forma na sociedade, e para isso Maingueneau(2010b), citado por Cano (2012) desenvolve o conceito de atopia discursiva e define fronteiras ao dividir os discursos em tópicos, atópicos e paratópico.

Os discursos paratópicos são aqueles que constroem um sentido a partir de si, ou seja, não necessitam da existência de outro discurso para serem legitimados. O discurso literário, religioso, científico e o filosófico, são os discursos paratópicos apresentados por Maingueneau (2010b), citado por Cano (2012). Tais discursos atravessam todos os demais discursos e não necessitam de uma formação inerente.

Os discursos tópicos têm direito de cidadania, pois são reconhecidos e aceitos socialmente devido sua recorrência. Como exemplo, podemos citar o discurso midiático e político. Ademais, é nesse discurso que os outros discursos, tanto paratópico, quanto atópico se manifestam, pois o discurso atópico é um tipo de discurso que não pode ser aceito e nem legitimado como é o caso do discurso machista, violento, racista. Assim, esses precisam ser camuflados, afinal nenhum indivíduo se declara machista, violento ou racista. Posto isto, o discurso atópico necessita de outro discurso para existir. Maingueneau (2010b), citado por Cano (2012)

Portanto, os discursos paratópicos e atópicos coexistem no universo discursivo. Porém, o encontro entre ambos só ocorre por intermédio dos discursos tópicos e é nele que os discursos atópicos se manifestam e o paratópico é retomado para garantir a legitimidade do enunciado. Assim, os limites existentes entre os discursos pertencem a linhas muito sutis. Dessa forma, preferimos tratar como limiar, pois os discursos estão se atravessando a todo o momento, sendo inverossímil separá-los definitivamente.

3.1 Discurso da Mídia

As mídias parecem desempenhar o papel de intermédio entre o leitor e a realidade, mas na verdade elas proporcionam ao leitor uma construção e formas simbólicas de representação de sua relação com a realidade existente. Na sociedade contemporânea, a mídia é um dos principais dispositivos discursivos existentes e estamos submetidos a todo o momento aos movimentos de interpretação midiáticos.

Segundo Patrick Charaudeau (2007), as mídias não transmitem o que ocorre na realidade social, elas impõem o que constroem do espaço público. Assim, ela é vista como uma ferramenta de manipulação da opinião pública que está diretamente relacionada às demandas econômicas. O discurso midiático vai de encontro ao discurso político, pois a mídia é uma ferramenta utilizada para a manipulação do público e, devido a esse fato, ela recebe uma crítica por se mostrar constitutiva de um quarto poder. Dessa maneira, o discurso estabelece formas de construção de seus interesses sociais. Assim sendo, essas trocas de informações têm como intuito persuadir e transmitir “saber” ao alvo que, no caso, são os espaços públicos. Porém, as informações ficam restritas às relações de espaço, de tempo, de relações, de palavra.

Conforme Charaudeau (2007, p.67), “todo discurso depende, para a construção de seu interesse social, das condições específicas da situação de troca, na qual ele surge”. Ou seja, as situações comunicacionais dependem do referencial para que as trocas de palavras sejam para influenciar, seduzir ou agredir, possua um valor em seu ato de linguagem. Esse referencial está diretamente relacionado com as restrições estabelecidas ao locutor e interlocutor que ocorrem de forma intencional. Assim, o quadro das restrições é caracterizado pelo contrato de comunicação, o qual estabelece as trocas languageiras que são divididas em dados externos e dados internos.

Os dados externos estão relacionados com as práticas sociais e comportamentais de cada indivíduo. Ademais, esses podem ser reagrupados em quatro categorias: condição de identidade, condição de finalidade, condição de propósito e condição de dispositivo, sendo essas pertencentes a uma condição de produção languageira. A identidade está relacionada com termos de natureza social e psicológica e baseia-se na pergunta “quem fala a quem”. A finalidade requer que o ato de linguagem seja ordenado em função de um objeto e pauta-se na pergunta, “Estamos aqui para dizer o que?”. O propósito demanda que todo ato de comunicação se construa em torno de um domínio de saber e pauta-se na pergunta “Do que se trata?”. E por fim, o dispositivo requer que o ato de comunicação se construa de maneira particular de acordo com as circunstâncias materiais que o definem e se apoia na pergunta

“Em que ambiente se inscreve o ato de comunicação, que lugares físicos são ocupados pelos parceiros, que canal de transmissão é utilizado?” (CHARAUDEAU, 2007, p 69,70).

Já os dados internos são puramente o discurso e pautam-se na pergunta “como dizer?”. Assim, os dados externos são determinados através de seus comportamentos dos parceiros de troca, linguagem utilizada, em função das formas verbais, ou seja, da real significação do discurso que ocorre a partir da percepção dos comportamentos linguageiros dos dados externos. Ademais, esses comportamentos dos dados internos são divididos em três espaços: de locução, de relação, de tematização.

A locução é o espaço no qual o sujeito falante “toma a palavra”, mas ele deve justificar tal atitude (em nome de quê), deve se afirmar como sujeito falante e ao mesmo tempo, como interlocutor. A partir disso, o sujeito deve construir uma *relação* entre sua identidade de locutor e interlocutor, seja ela de aliança, exclusão ou inclusão. O espaço da tematização é onde é tratado ou organizado o domínio do saber, do tema, da troca, sendo eles predeterminados por instruções da troca. O sujeito falante deve tomar uma posição com relação às condições expostas pelo contrato de comunicação, escolhendo um modo de intervenção e de organização do discurso (CHARAUDEAU, 2007).

A partir dos conceitos apresentados acima, concluímos que o discurso é um conjunto de práticas. O discurso jornalístico é caracterizado por convenções estabelecidas pelo contrato de comunicação, pois segundo Charaudeau (2007, p.67), “A situação de comunicação é como um palco, com suas restrições de espaço, de tempo, de palavra, no qual se encenam trocas sociais e que constitui seu valor simbólico”. Assim, como o autor apresenta, as construções midiáticas e o discurso dado por jornalístico têm como interesse construir, incorporar e mediar os discursos de diversos processos sociais em torno de informações, localizando em um lugar de produção de um determinado espaço social.

Logo, pensamos a sociedade como um conjunto de discursos articulados que podem se completar ou se enfrentar. Elegemos para análise, a partir de nosso estudo baseado na tríade estabelecida por Maingueneau (2008), o discurso político sendo pertencente ao espaço discursivo, e o *discurso jornalístico* alusivo ao campo discursivo. Assim, observando o contrato de comunicação exposto por Patrick Charaudeau (2007), na comunicação política as pessoas devem ser vistas como sujeitos, pois nesse ambiente de interlocução eles apenas desempenham seu papel social. Por isso, o autor a chama de instância, para distanciar-la da imagem de pessoa física.

A instância política encontra-se no lugar de poder de decisão e de manipulação, de governança. Embora não possa explicitar, é movida pelo

desejo de ocupar esse lugar de autoridade e de credibilidade e, para isso, procura sua legitimidade de programas para fins eleitorais; as justificativas de suas decisões e ações, a fim de garantir sua legitimidade; a críticas de ideias adversárias e à conclamação do consenso social. A fim de conseguir o apoio dos cidadãos. A instância adversária abarca as mesmas motivações e estratégias discursivas, só que, por estar em situação de oposição, é destituída de poder.(SILVA, 2013, p 66-67)

A instância cidadã é construída de opiniões fora da política, ela tem o direito de julgar, escolher e criticar. Observando essas características, podemos dizer que tal instância é constituída também por um poder, que abrange diversas repartições sociais, por exemplo, grupos étnicos, religiosos e é permeada por uma ideologia. A instância midiática, como a cidadã, também constitui um poder fora da governança, porém ela quem faz o intermédio entre a instância política e a instância cidadã e vice-versa (SILVA, 2013).

3.2 Discurso Machista

Com as abordagens apresentadas, anteriormente, sobre o discurso, sabe-se que ele é constituído pelas formações advindas da cultura, da região, do país, da política, da religião entre outros. Assim, os discursos são formados por matrizes historicamente construídas. Ademais, podemos notar que qualquer forma de discurso é contaminada por outros discursos. Como também, que a formação de um discurso gira em torno de uma ideologia, ou seja, o dizer e a palavra não são nossos, eles são significados pela história e pela língua. Portanto, o enunciador não tem controle sobre o seu discurso, pois ele está assujeitado aos discursos de outros em um determinado período sócio-histórico.

Posto isso, esse assujeitamento é marcado no discurso machista que é constituído por aspectos sócio-históricos. Quando atenta-se para a representação social da mulher, percebemos que, apesar de ter conquistado alguns espaços públicos, como exemplo, o mercado de trabalho, a escolarização, elas ainda continuam sendo subjugadas. Ao olharmos para o domínio político é possível notar que este ainda é um espaço dominado pelo homem, e que se constituiu a partir de uma ideia patriarcal.

Respaldando-nos em Silva (2013), as primeiras organizações e lutas feministas tiveram origem nos Estados Unidos no século XIX e foram chamadas de “Convenções do Direito da Mulher”. No contexto americano, a luta das mulheres pelo direito ao voto se estendeu por 7 décadas e, no ano de 1928, foi dado o direito ao voto às mulheres, do mesmo modo que eram concedidos aos homens. Ao observamos essa questão, podemos perceber o quão primitivo é esse pensamento de que o gênero pode delimitar até onde homens e mulheres podem chegar. Isso é uma amostra de como as questões culturais e históricas ainda são

capazes de medir a capacidade e superioridade do homem sobre as mulheres em determinadas repartições, sejam elas públicas ou privadas.

No Brasil a história não foi diferente, pois o direito ao voto das mulheres só foi conquistado a partir de muita luta e o sufrágio feminino só foi consolidado na constituição brasileira em 1934. Ademais, outra luta que marcou o século XIX foi a luta das mulheres pelo direito à educação, principalmente em cursos como Direito e Medicina, que eram formações restritas aos homens. ¹Como resultados dessa luta, segundo dados do INEP do último censo de 2016, as mulheres representavam 57,2% dos estudantes matriculados nos cursos de graduação.

Como o direito ao voto já havia sido alcançado pelas mulheres, o movimento feminista buscou galgar novas conquistas e uma delas foi alcançar a esfera política, buscando voz na política. Segundo Phillips (2001) citado por Silva (2013, p. 7),

Questiona até que ponto os representantes são eleitos são legítimos nas reivindicações de demandas de grupos definidos por gênero, etnia ou raça. Segundo a sua abordagem, é na relação entre política de ideias e política de presença que existe a possibilidade de um sistema justo de representação, razão pela qual se faz necessário cessar a separação entre as ideias e aqueles que a conduzem. Logo, a inserção das mulheres nos espaços de poder propicia defender, além de seus princípios coletivos partidários, as questões que envolvem as especificidades em torno das questões de gênero.

A busca por representação feminina na política tem como intuito a defesa dos direitos das mulheres. Porém, quando observamos a esfera política, é perceptível o quanto as mulheres ainda sofrem retaliações e são limitadas por um discurso machista. Esses discursos são apresentados por jornais, que colocam as mulheres políticas como, por exemplo, “musa”, “faxineira”, entre outros estereótipos existentes socialmente. Logo, devido às condições sócio-históricas de produção desse discurso, o sentido construído para essas representações é de que na política não é lugar para uma mulher, visto que os homens são construídos historicamente como “verdadeiros líderes”.

Assim, as mulheres devem lutar para desconstruir esse discurso atópico, como é o discurso machista, que não é legitimado, mas é muito visível em diversas esferas sociais, principalmente na política, local onde ocorre a polarização entre homens e mulheres e esse discurso se materializa no jornal. Esse fato nos instigou a ter como foco essa temática de pesquisa e quando olhamos de forma mais atenta para questões femininas, percebemos que

¹ **INEP.** Mulheres são maioria na educação superior brasileira. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/mulheres-sao-maioria-na-educacao-superior-brasileira/21206> Acesso em: 14 nov. 2019.

elas são estereotipadas e é dessa forma que a violência contra a mulher é estabelecida socialmente.

4 ESTEREÓTIPO

Vamos basear nossa ideia de estereótipo a partir do significado da palavra, conforme o Dicionário Online², que é o pré-conceito que se faz sobre um determinado indivíduo, situação ou acontecimento. Segundo Silva (2013, p.91), geralmente frases estereotipadas possuem uma carga negativa, por vezes de cunho preconceituoso e não verdadeiro, por exemplo, “todo baiano é preguiçoso”, essa frase preconceituosa transita pela mente de muitas pessoas que acreditam realmente que todo baiano é preguiçoso. Assim, na maioria das vezes caem no senso comum, por se tornarem corriqueiras. Essa carga negativa que muitas frases carregam não é perceptível, pois estão armazenadas em nossa memória sociodiscursiva.

Em contrapartida, o estereótipo pode carregar consigo frases “positivas”, por exemplo, “Mulher na política é musa”, quando olhamos para essa frase logo pensamos: realmente, nós mulheres somos musas e vemos isso como algo positivo para a constituição da nossa imagem. Porém, quando percebemos que a palavra “musa” tem como significado, a mulher bela que inspira e desperta o desejo, especialmente do público masculino, percebemos que a frase nos limita. Posto isso, é notório que a condição da mulher mais uma vez ficou por conta do imaginário masculino. Outra relação a ser pensada é quando alguma mulher não corresponde a essa pré-concepção, ela é taxada como não sendo “feminina”. Logo, também pensando no contexto que isso foi citado, fica claro que na política a mulher nunca assumirá um lugar de autoridade, pois o nosso papel é ser “musa”, “sensual” e não uma figura de poder, pois não temos atributos para tal, estes foram e vêm sendo resguardados somente aos homens.

O que interessa é o caráter dos estereótipos, e a credulidade com a qual nós o empregamos. E estes ao fim dependem dos padrões inclusivos que constituem nossa filosofia de vida. Se naquela filosofia supomos que o mundo é codificado de acordo com o código que possuímos, nós provavelmente faremos nossos relatos do que está ocorrendo descrevendo o mundo comandado pelo nosso código. Mas se nossa filosofia nos diz que cada homem é somente uma pequena parte do mundo, que nossa inteligência captura na melhor das hipóteses somente frases e aspectos numa rudimentar rede de ideias, então, quando utilizamos nossos estereótipos, tendemos, a saber, que são simplesmente estereótipos, considerando-os brandamente, modificando-os alegremente. (LIPPMANN, 2017, p.92).

² **DICIONÁRIO ONLINE.** Estereótipo. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/estereotipo/>>. Acesso em: 16 set. 2019.

Dessa forma, na constituição de nossa “filosofia de vida”, os estereótipos delimitam e nos contam sobre o mundo antes mesmo de o olharmos e nos permite que o imaginemos antes de experimentarmos e termos experiências. Ou seja, esse processo estereotipado de algo ou alguém, governa todo nosso processo de percepção. Sendo assim, segundo Lippmann (2017, p.94) “Um estereótipo pode ser transmitido de uma forma tão consciente e peremptoriamente em cada geração de pai e filho que parece ser quase um fato biológico”. Assim, fica claro que o estereótipo é algo que nos constitui, quando comparado a fato biológico. O autor nos apresenta que ele é algo inerente, ou seja, podemos dizer que está armazenado em nosso imaginário sociodiscursivo e quando nos opomos à constituição de um determinado estereótipo é necessária uma desconstrução desse imaginário e uma percepção sensível a tudo que ocorreu e ocorre à nossa volta para constituí-lo.

Tratando da questão biológica, Lippmann (2017) constata que esta, por muitos anos, tem delimitado lugares de homens e mulheres, como também, tem criado fronteiras, principalmente para as mulheres em relação aos espaços sociais que elas podem ocupar. Para não se ater as questões sexuais relacionadas a homens e mulheres, estudiosos passaram a adotar o termo “gênero”, que chegou ao Brasil no ano de 1980 em detrimento do sexo. Segundo Saffioti (2004), citado por Pimenta (2019, p.53), “A aceitação desse termo e sua urgência resume-se à necessidade de não se considerar o essencialismo biológico como referência, e ‘a anatomia é o destino’”. Vale ressaltar que o uso desse termo não foi para negar a existência das características biológicas, mas sim para construção social e histórica que são criadas em cima dessas características.

Posto isso, Louro (1997) citado por Pimenta (2019, p. 54) destaca que não são as diferenças biológicas, mas sim os arranjos sociais associados à história que seriam os motivos para a existência dessas desigualdades. Nesse sentido, todos sabem que as individualidades pertencentes a homens e mulheres são imanentes e imutáveis. Já as questões de gênero, como já relatado, são construídas culturalmente, historicamente e socialmente, a partir de uma visão estereotipada designada ao que é masculino e feminino e que fica cristalizada em nossa memória, como é o caso do exemplo “Mulher na política é musa” a visão da mulher fabulosa, deusa. Esse estereótipo reforça um lugar de destaque à mulher justificado pela sua beleza física e formosura, e não por características intelectuais, como competência. Coloca-se a mulher como objeto de desejo de uma maioria masculina que lhe atribui adjetivos como ‘fabulosa’ e ‘deusa’, dentre outros de conotação sexual.

É nesse *corpo* estereotipado e na construção dessa imagem que se coloca a mulher que passa a assumir uma forma de existir no mundo por meio de

traços únicos. Por isso que dizemos que quando se fala de um grupo de mulheres como esse e de outros grupos estereotipados, busca-se confirmar os traços do estereótipo, mas não os traços da individualidade ou das individualidades das mulheres que pertencem a esse grupo. (CANO, 2012, p.83).

Por fim, é perceptível que a construção de estereótipo busca construir lugares para determinados grupos ocuparem, não observando suas individualidades, pois essas ideias surgem de conceitos pré-concebidos. Quando observamos a esfera política que é o enfoque desse trabalho, fica nítido como a mídia e o jornal, especificamente, retratam a imagem da mulher política. E a recorrência da concepção do estereótipo está muito atrelada a esse espaço, majoritariamente masculino, concebido por uma sociedade que, em seus imaginários, ainda reproduz uma cultura patriarcal. Assim, o estereótipo é uma forma de representação social, que permite a propagação da violência discursiva, notadamente contra a mulher.

5 SEMÂNTICA GLOBAL

A proposta do nosso trabalho é observar como emerge o discurso machista dentro do discurso midiático. Para tanto, foram mobilizadas algumas categorias da semântica global propostas por Maingueneau (2008), que nos auxilia a entender melhor como esse discurso é organizado.

De acordo com Dominique Maingueneau (2008) e seu conceito sobre Semântica Global, apresentado em seu livro *A Gênese do Discurso*, todos os planos da discursividade que englobam desde os processos gramaticais, modos de enunciação e o modo de enunciação do discurso pertencem ao mesmo sistema de regras globais. Ou seja, não se privilegia um discurso por meio de um dos seus “planos” ou outro, mas a partir das relações estabelecidas entre todos os discursos, observando a ordem do enunciado e da enunciação, bem como da multiplicidade de suas relações.

Desse modo, os estudos de Maingueneau (2008) procuram apreender a significância discursiva em seu todo. O conceito nos permite compreender diversas dimensões do discurso como a intertextualidade, vocabulário, o tema, dêixes enunciativa, modo de enunciação, entre outros. Assim, o autor rejeita a ideia de que os discursos tenham uma base invisível e considera que eles estão apoiados simultaneamente em suas várias dimensões. Ou seja, a semântica global é um conjunto de restrições que é definido a partir de uma relação histórica dos discursos e que configura o que pode ou não ser enunciado dentro de uma determinada formação discursiva (FD).

Dentre os elementos pertencentes ao funcionamento da semântica global, interessa-nos as considerações de Maingueneau (2008) sobre o elemento intertextualidade, o qual nos apresenta a diferença entre intertexto e intertextualidade do discurso. O primeiro é o conjunto de fragmentos que ele cita no decorrer do discurso, já o segundo é a relação que se estabelece entre o discurso proferido com os demais discursos que é a competência definida como legítima.

Todo campo discursivo define uma certa maneira de citar os discursos anteriores do mesmo campo. A maneira pela qual a física moderna se reporta a Galileu ou a Newton não é comparável à maneira pela qual um discurso católico se reporta à produção de São Paulo. Mas, ao lado dessas restrições compartilhadas pelos diversos membros de um campo, há também o passado específico que cada discurso particular constrói para si, atribuindo-se certas filiações e recusando outras. (MAINGUENEAU, 2008).

O sistema de restrições intervém nesses dois níveis de intertextualidade, pois todo campo discursivo se constitui de citações de discursos anteriores e cada um deles constrói para si um passado específico atribuindo determinadas relações e excluindo outras. Como, por exemplo, o discurso religioso cristão quando olhamos em sua base temos o discurso bíblico, porém quando observamos sua divisão entre catolicismo e protestantismo, são perceptíveis algumas diferenças. O discurso católico é muito apegado à tradição, já o protestantismo apresenta uma quebra dessa tradição católica e bebe em um discurso mais recente que é o de Martinho Lutero, pois lêem nos escritos desse autor enunciados semanticamente próximos de sua formação discursiva, e Maingueneau (2008) chama essa relação de intertextualidade interna. Os discursos definidos a partir de suas relações com outros campos, citáveis ou não, o autor chama de intertextualidade externa.

Outro lugar da semântica que nos interessa é o vocabulário, que é dito pelo autor como sendo a exploração semântica que ocorre de um determinado léxico dentro do discurso, ou seja, não existe um vocabulário próprio a ser utilizado por cada tipo de discurso. Nessa concepção, se priorizamos o vocabulário dentro de um discurso, seria o mesmo que minimizar o próprio discurso em sua discursividade. Mas também é imprescindível não pensar que dentro dos discursos as palavras empregadas não trazem uma carga de intencionalidade para a construção desses, e assim, vão muito além do significado da palavra dentro da língua. Portanto, o interesse maior é com a análise da lexicografia elaborada naquele discurso e como ocorre a construção de sentido.

Mas seria errado pensar que, em um discurso, as palavras não são empregadas a não ser em razão de suas virtualidades de sentido em língua. Porque, além de seu estrito valor semântico, as unidades lexicais tendem a adquirir o estatuto de signos de pertencimento. Entre vários termos a priori

equivalentes, os enunciadores serão levados a utilizar aqueles que marcam sua posição no campo discursivo. Conhece-se, por exemplo, a voga extraordinária que teve uma palavra como estrutura na crítica literária dos anos 1960 em contexto em que *sistema, organização, totalidade*, ou, mais trivialmente, *plano*, teriam dito a mesma coisa. É que a restrição do universo lexical é inseparável da constituição de um território de convivência. (MAINGUENEAU, 2008, p. 85)

Ainda na sua obra *Gênese do Discurso*, Maingueneau (2008) apresenta o tema como sendo “aquilo de que um discurso trata”. O autor ainda nos apresenta que o *tema* pode ser utilizado em diversos níveis micros e macros temas. Ou seja, o *tema* pode ser utilizado a partir de um sistema de restrições global e de sua relevância no tratamento semântico no discurso. Ademais, quando olhamos para um texto vemos que toda sua construção se desdobra a partir de uma temática. Maingueneau (2008) nos apresenta como tema importante “aquele que recai sobre as articulações essenciais do modelo semântico” (p.85).

Dessa forma, podemos observar que também existe um afrontamento entre os temas, como é o caso do exemplo apresentado sobre o discurso religioso cristão que bebem no mesmo fundamento que é Cristo e a bíblia, mas quando observamos sua divisão entre catolicismo e protestantismo há um enfrentamento. O mesmo discurso base pode estar em diversos outros discursos, mas quando são ramificados apresentam divergências.

Percebemos isso desde há muito tempo no domínio da história das ideias: decompondo em um conjunto de temas um discurso cuja especificidade parece á primeira vista não apresentar a menor dúvida, muito frequentemente fica claro que praticamente nenhum desses temas é realmente original, dado que ele se encontra em múltiplos outros discursos, até nos seus adversários. Passando para um nível mais abstrato, o do sistema de restrições do espaço discursivo, torna-se possível definir um novo modo de repartição das diferenças e das semelhanças; não se dirá mais que dois discursos antagonistas partilham tal ou tal tema, já que sua oposição é global, de um sistema de restrições a outro. (MAINGUENEAU, 2008, p.86).

“Cada discurso define o estatuto que o enunciador deve se atribuir e o que deve atribuir a seu destinatário para legitimar seu dizer” (MAINGUENEAU, 2008, p. 91). Eis o outro plano da semântica global: o estatuto do enunciador e do destinatário pode dizer que tanto o enunciador quanto o enunciatário estão dispostos em um determinado espaço, pois o enunciador projeta uma imagem de si no discurso a partir de um lugar que o reconhece. Assim, podemos dizer que o discurso é marcado por construções que se inserem nele a partir do espaço e do tempo, que o autor nos apresenta como sendo a relação do “enunciador com enunciatário com as diversas fontes de saberes; o que nos leva a dimensão intertextual” (MAINGUENEAU, 2008, p. 90-91).

Quando falamos das marcas que constroem o discurso em um espaço e tempo, falamos de uma dêixis enunciativa que o discurso constrói a partir de si mesmo, ou seja, de seu universo discursivo. Essa dupla modalidade espaço-temporal “define de fato uma instância de enunciação legítima, delimita a cena e a cronologia que o discurso constrói para autorizar sua própria enunciação” (MAINGUENEAU, 2008, p. 93). Assim, a dêixis estabelece uma cena e uma cronologia conforme as imposições de uma estipulada formação discursiva. Ademais, “a maneira de dizer” também é valorizada pela semântica global que é chamado de modo de enunciação.

O “modo de enunciação” obedece às mesmas restrições semânticas que regem o próprio conteúdo do discurso. Não somente o modo de enunciação torna-se frequentemente tema do discurso, mas, além disso, esse conteúdo acaba por “tomar corpo” por toda parte, graças ao modo de enunciação: os textos falam de um universo cujas regras são as mesmas que presidem sua enunciação. Se, em um quadro “antisubjetivista”, pensa-se, não sem pertinência, a enunciação como associada a um “lugar”, a uma “posição” atribuída pelo discurso, não se deve por isso ver no enunciador um mero ponto de entrecruzamento de séries institucionais: ele se constrói também como “tom”, “caráter”, “corporalidade” específicos. O sentido que o discurso libera se impõe por esse meio tanto quanto pela doutrina sem que jamais se possa supor a menor exterioridade entre os dois aspectos. (MAINGUENEAU, 2008).

Dessa forma, o discurso se constrói dentro de um espaço, o qual a “voz” lhe é própria escrevendo as especificidades que a sua voz semântica determina. Por fim, o autor nos apresenta o modo de coesão que corresponde à interdiscursividade particular de cada universo discursivo. A coesão se constrói sobre dois domínios: o recorte discurso e o encadeamento. O primeiro se divide em gêneros constitutivos e deve ser relacionado a um sistema para lhe atribuir sentido; o segundo é apresentado como um lugar pouco conhecido, mas de profunda importância, e o autor nos apresenta que “uma maneira que lhe é própria de construir seus parágrafos, seus capítulos, de argumentar, de passar de um tema a outro. Todas essas juntas de unidades pequenas ou grandes não poderiam escapar à carga da semântica global” (MAINGUENEAU, 2008, p. 101).

Por fim, percebemos que semântica global não tem o interesse em excluir ou ressaltar um determinado plano sobre outro, mas sim apresentar o encontro de todos os planos e evidenciá-los como sendo inerente a construção de uma cena enunciativa. Nesta pesquisa, não trabalharemos todas as categorias da semântica global, mas trataremos das restrições constituídas a partir dos planos da intertextualidade, vocabulário e tema.

6 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO

Para entendermos o contexto e as brigas políticas, juntamente com a polêmica instaurada nessa eleição, vamos recorrer a como ocorreu historicamente esse momento. Segundo o jornal ³Folha de SP, a eleição presidencial de 2014 foi considerada a disputa mais acirrada desde o ano 1989, dominando os noticiários durante todo o ano. Ao observarmos as publicações jornalísticas percebemos que a campanha foi muito polêmica e a mídia retratava esse momento dando uma intensidade maior às polarizações, estabelecendo uma parcialidade com relação a aspectos partidários e de gênero. Quando analisamos o discurso político é possível perceber que existe uma relação de poder que se constitui a partir da história, e essa relação se cristaliza no discurso jornalístico. Observar essas construções discursivas às relações internas do cenário político e suas condições de produção e compreender como qual a condição de produção do discurso midiático é importante para apreender nosso objeto de pesquisa. Assim, o meio em que o discurso acontece traz interferências para os sentidos e a maneira como ele é recebido e lido.

Dentre os diversos jornais de circulação, escolhemos a Folha de S. Paulo, que na época era considerado um dos principais conglomerados de mídia do país. Observando o cenário político pelo prisma apresentado por esse jornal, estavam em confronto os candidatos à presidência Dilma Vana Rousseff pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e Aécio Neves da Cunha pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), que eram considerados os principais partidos políticos rivais da história da política brasileira. Na época, a então presidenta e candidata Dilma Rousseff era cobrada pelos setores da mídia e por setores do empresariado a dar respostas sob uma suposta crise e de acordo com os partidos opositores a sociedade havia acreditado em propostas da eleição passada. Nesse sentido, Dilma apostou em um discurso de mudança social, principalmente relacionado à igualdade social, enquanto que a oposição apontava para uma possível crise política que estava instaurada no país. De outro lado, existe Aécio Neves, pertencente à oposição, que vivia resguardado através de uma imagem política positiva, por ser neto do ex-presidente Tancredo Neves e que sobrevivia a sombra de uma imagem construída a partir de Fernando Henrique Cardoso (FHC), ex-ministro da fazenda que elaborou o “Plano Real” e foi eleito Presidente da República por duas vezes e que era seu aliado.

³ MENDOÇA, R. Dilma e Aécio chegam ao dia da decisão com disputa mais acirrada desde 89. **Folha de S. Paulo**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/10/1538451-dilma-e-aecio-chegam-ao-dia-do-pleito-com-disputa-mais-acirrada-desde-1989.shtml>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

Posto isso, observando o cenário político brasileiro, percebemos que as questões de enfrentamento eram muito latentes, de um lado a hipótese de uma crise que afetava a todos ideia motivada pelo candidato Aécio e de outro lado a ideia defendida pela candidata Dilma era de que tudo se resolveria. Logo, tinham-se duas figuras presidenciais completamente opostas. O que mais nos chamou atenção é como a mídia se envolveu muito nessas questões, especificamente como os jornais trabalharam colocando esses candidatos em lados extremos, evidenciando que não havia nenhuma familiaridade ou características em comum entre eles. Uma das relações que levou essa polarização na eleição de 2014 foi a tomada de decisões por parte dos candidatos. Como exemplo, podemos lembrar uma manchete da Folha de SP, publicado em 26/06/2014: “*Para fortalecer Dilma, PT fecha alianças polêmicas e faz intervenções*”. A manchete possibilita construir um sentido em que fechar alianças polêmicas e fazer intervenções para que algo de misterioso e de incorreto nas alianças, pois não dizem quais são as polêmicas, mas a palavra cria possibilidades de interpretações. Assim, o modo como a manchete é construída traz algo que é intenso e de que Dilma não seria capaz de se reeleger de maneira honesta, pois as alianças polêmicas trazem uma imagem negativa para um partido e seu candidato.

O colunista da revista Veja, Rodrigo Constantino, escreveu um texto em ⁴seu blog na época como título: “Em ao menos um aspecto o PT já conseguiu nos transformar na Venezuela”. O texto faz comparações do Brasil com a Venezuela com relação aos índices de inflamação e diz que “Se o PT tiver mais quatro anos no poder, podem ficar tranquilos que ele chegará lá”. Além do mais, faz comparativos do Brasil também com a ditadura vivida em Cuba dizendo que nossos dados de imprensa são todos controlados pelo governo. No decorrer dos seus escritos, o autor do blog refere-se à Venezuela como sendo nossos vizinhos “Camaradas”. Constantino utilizou-se de recursos como ódio para espelhar ainda mais essa polarização, e ao final ainda traz relatos dizendo que Aécio Neves está ainda mais agressivo contra sua oponente Dilma Rousseff e acusa os jornalistas de mascararem esse fato. O texto termina com previsões pessimistas caso o PT vença.

No final das postagens do blog é possível que internautas façam comentários. Esse material serviu de estudos para o pesquisador Vanderlei de Castro Ezequiel (2014) que se debruçou sobre os comentários e propôs uma tabulação a partir de dois aspectos: a intensidade da agressividade; e a identificação do outro, alvo da agressividade. Para tanto, foram criadas

⁴ CONSTANTINO, R.. Em ao menos um aspecto o PT já conseguiu nos transformar na Venezuela. **Folha de S. Paulo**. Disponível em:< <https://rota2014.blogspot.com/2014/10/em-ao-menos-um-aspecto-o-pt-ja.html>>. Acesso em: 14 set.2019.

quatro categorias utilizando os “graus de intensidade da Ira” descritos por Mira y López (1996): indignado; ofensivo; agressivo; ódio. Os comentários foram classificados e, após a tabulação, obtiveram-se os seguintes resultados: 35,5% (60) indignados; 47,3% (80) ofensivos; 13,6% (23) agressivos; 4,1% (7) ódio.

Percebemos pelos dados que escritos do colunista incitaram o ódio da maioria dos leitores. A partir da tabulação feita por Ezequiel (2015) foi possível identificar os alvos da agressividade em 117 comentários: Lula é alvo em 13,7% (16 comentários); Dilma 16,2% (19); PT 37,6% (44); “petista” 11,1% (13); comunismo 1,6% (3); bolivarianismo 0,9% (1); outros 17,9 (21).

Essa polarização é vista a partir de uma relação partidarista e cria uma instabilidade social, pois afirmações desse tipo despertam na população um sentimento de medo e insegurança. Pois quando o indivíduo se vê em uma situação de ameaça, passa a ver como inimigo todo aquele que pensa diferente. Essa crescente relação de denúncia que se instaurou no período eleitoral e de grupos ligados ao partido da direita brasileira tornou as eleições de 2014 um período muito conturbado e como foco desse trabalho, nos propomos a discutir o porquê da polarização ter continuado mesmo após a Presidenta Dilma ter sido eleita.

7 METODOLOGIA

A trajetória feita nos tópicos anteriores se relaciona diretamente com a metodologia que priorizamos no decorrer de nossa pesquisa. Para fazermos as análises do *corpus*, limitamo-nos a tríade discursiva estabelecida por Maingueneau (2008). Assim, a partir do universo discursivo, selecionamos o campo discursivo jornalístico e nosso espaço discursivo, o discurso machista dentro da política. Primeiramente, escolhemos essa temática de discurso, por acharmos plausível e pelo jornal ser uma mídia de fácil acesso e circulação. Como vivemos em uma sociedade que privilegia a informação e as discussões políticas sempre são muito latentes, optamos por analisar as discussões suscitadas pelo jornal com enfoque nas eleições de 2014.

Como já mencionado anteriormente, analisamos o discurso a partir do prisma da relação interdiscursiva que existe entre o *discurso político* e o *discurso jornalístico*. O primeiro passo foi observar a existência de um discurso atópico que há no interdiscurso desses discursos. Aplicamos os conceitos que a AD nos apresenta, sobre como é a constituição desse discurso que não é legitimado e que depende de outro discurso para existir. Pensamos essa temática a partir de uma reportagem publicada pela Folha de S.Paulo que tinha como

manchete “As escapadas de Dilma”⁵, que retratava as viagens da presidenta satisfazendo seus luxos com roupas e comidas e nunca priorizando a imagem de uma autoridade política. Fazendo um contraponto, a *Folha de S. Paulo* criou uma reportagem utilizando a mesma ideia com o título “Na estrada com Aécio”⁶, diferente da presidenta o senador é tratado como galã e homem de negócios.

Dessa forma, analisando essas duas publicações da Folha de S. Paulo, procurou-se entender como se deu essa polarização e o motivo dela ter continuado após a presidenta Dilma ter sido reeleita nas eleições de 2014. Assim, almejamos verificar o modo como a mulher é construída na política a partir da visão do jornal e como essa construção da mulher é representada por um discurso machista. Portanto, a partir dessa seleção de *corpus* aplicamos as categorias de análise de intertextualidade, vocabulário e tema. (Maingueneau, 2008)

8 ANÁLISE DO CORPUS

O corpus da pesquisa é composto por notícias publicadas pela *Folha de S. Paulo* no período pós-eleitoral. Dentro de todo acervo, selecionamos três notícias que nos chamaram mais atenção. A seguir, apresenta-se a primeira notícia⁷ na íntegra:

Presidente Dilma segue dieta para tentar perder 13 quilos até a posse	
VALDO	CRUZ
ANDRÉIA	SADI
DE BRASÍLIA	
21/12/2014 02h00	

⁵ NERY, N. As escapadas de Dilma. **Folha de S. Paulo**, Brasília, 2013. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=19604&keyword=dilma%2Cescapadas&anchor=5891447&origem=busca&_mather=c4341085d60cb85d&pd=24492825ce5215395927a05089d537cd>. Acesso em 18 set. 2019. Em anexo.

⁶ NERY, N. Na estrada com Aécio. **Folha de S. Paulo**, Brasília, 2013. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=19709&keyword=estrada%2CAecio&anchor=5908713&origem=busca&_mather=c4341085d60cb85d&pd=02e4ff540c4dcb4aec338f3d92522e00>. Acesso em 18 set. 2019. Em anexo.

⁷ CRUZ, V.; SADI, A. Presidente Dilma segue dieta para tentar perder 13 quilos até a posse. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 21 jan. 2014. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/12/1565507-presidente-dilma-segue-dieta-para-tentar-perder-13-quilos-ate-a-posse.shtml>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

Nesta reta final de ano, Dilma Rousseff não está focada apenas em reduzir o peso dos gastos nas contas públicas. Ela estabeleceu outra meta para estar mais leve na sua posse em janeiro: cortar 13 quilos de sua silhueta. "Eu vou emagrecer 13 quilos e já emagreci quatro", revelou a presidente a um interlocutor no início do mês.

Nas palavras de um assessor, a presidente vai estar uma "sílfiide" -mulher esbelta e graciosa- até a posse. Seu entusiasmo com a dieta é tão grande que ela não perde uma oportunidade, ao encontrar um assessor acima do peso, para recomendar o método que está seguindo.

No Palácio da Alvorada, a petista já até abriu sua geladeira e mostrou a amigos os pratos congelados que compõem seu novo e reduzido cardápio, que costuma incluir uma sopa na entrada para reduzir o apetite.

A dieta de Dilma foi indicada pelas ministras Miriam Belchior (Planejamento) e Eleonora Menicucci (Políticas para as Mulheres), que passaram a frequentar a clínica Ravenna, do endocrinologista argentino Máximo Ravenna, moda em Brasília entre os que desejam perder peso com segurança.

Jean Galvão



A dieta da presidente foi revelada nesta semana pela colunista Mônica Bergamo.

No caso da presidente, sua chef de cozinha no Palácio da Alvorada, Andréa Munhoz, é a responsável pela elaboração dos pratos seguindo a dieta montada pela Ravenna. Munhoz foi

até a clínica para definir o melhor cardápio para Dilma, que tem levado lanches para o Palácio do Planalto já preparados por sua chef de cozinha a fim de não cair em tentação.

O comportamento da presidente tem provocado risos entre amigos e assessores recebidos no Palácio da Alvorada. Dilma manda, em tom de brincadeira, os garçons passarem longe dela com qualquer tipo de guloseima fora do seu cardápio.

Um pouco antes de iniciar a dieta, a petista voltou a fazer caminhadas no Palácio da Alvorada. A atividade física é a predileta de Dilma. Apesar de possuir uma piscina na residência oficial, Dilma não a utiliza. Ela só entra na piscina acompanhada do neto, Gabriel.

Durante a campanha, Dilma teve uma alimentação desregrada. Nas preparações para os debates, ela e equipe faziam refeições improvisadas nas suítes de hotel usadas para treinamento. No cardápio, massas e comida árabe, o que renderam à presidente e seus ministros alguns quilinhos a mais.

A preocupação de Dilma com a saúde não é de hoje. Um pouco antes da eleição, em 2013, ela tentou contratar o nutricionista Daniel Costa para atendê-la no Palácio da Alvorada. Dilma ficou encantada com o trabalho do profissional para uma segurança de sua equipe, que conseguiu "secar" com uma alimentação orientada por Costa.

O nutricionista não pôde, no entanto, aceitar o convite da presidente. Caso o fizesse, teria que fechar seu consultório para dar exclusividade à paciente famosa. A presidente tomará posse no dia 1º, quando inicia seu segundo mandato.

A discussão inicial suscitada no jornal com relação a uma mulher política é direcionada a sua “silhueta” para o dia da posse. Houve a princípio uma preocupação da instância jornalística em apresentar as preocupações da presidenta Dilma com sua estética e não com a sua posse e suas responsabilidades. Para melhor apreensão da análise, destacaremos a seguir recortes desta notícia.

Recorte 1

“Nas palavras de um assessor, a presidente vai estar uma "sílfiide" -mulher esbelta e graciosa- até a posse. Seu entusiasmo com a dieta é tão grande que ela não perde uma oportunidade, ao encontrar um assessor acima do peso, para recomendar o método que está seguindo.” (CRUZ.; SADI, 2014).

Esse recorte acaba possibilitando que o co-enunciador não perceba traços de machismo, pois é muito comum que as pessoas compartilhem seus interesses com relação ao corpo, principalmente as que estão sempre na mídia. Por outro lado, a partir de uma análise

mais atenta, detectamos traços estereotipados de um padrão, no qual a mulher é retratada como “esbelta e graciosa”, ou seja, magra. Vejamos um segundo recorte:

Recorte 2

“A dieta de Dilma foi indicada pelas ministras Miriam Belchior (Planejamento) e Eleonora Menicucci (Políticas para as Mulheres), que passaram a frequentar a clínica Ravenna, do endocrinologista argentino Máximo Ravenna, moda em Brasília entre os que desejam perder peso com segurança.” (CRUZ.; SADI, 2014).

Nesse segundo recorte, constata-se que a preocupação com o corpo, perpassa por todas as mulheres, inclusive as políticas. Pois, o enunciador deixa isso bem claro ao colocar entre parênteses o posto assumido pelas mulheres que indicaram a dieta para Dilma.

Nesse sentido, verificamos que há uma relação entre os recortes acima com a imagem apresentada na notícia. Vejamos outro recorte:

Recorte 3

Figura 1 - Dilma presa à lança de um dragão da independência.



Fonte: Folha de S. Paulo (2014)⁸.

Identificamos que a instância midiática é a intermediária entre a instância política e a instância cidadã. Quando observamos a figura posta para ilustrar os fatos apresentados, detectamos que há uma relação direta entre a imagem e a manchete. Nesse recorte,

⁸ Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/12/1565507-presidente-dilma-segue-dieta-para-tentar-perder-13-quilos-ate-a-posses.shtml>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

verificamos um conteúdo machista, pois remete a um imaginário já construído de que a mulher não tem uma postura sólida e necessita de uma figura masculina para mantê-la em seu posto.

Na Figura 1, vemos a presidenta bem magra na frente do Palácio da Alvorada sendo levada pelo vento, mas ela está bem segura, pois ela se prende a lança de um dos dragões da independência. Assim, retomando a noção de lugares discursivos estabelecidos por Maingueneau (2010b) citado por Cano (2012), o discurso jornalístico analisado se encontra em um lugar tópico, localizados no espaço da mídia. Mas podemos perceber que ele é atravessado pelo discurso machista que, por sua vez, se localiza em um lugar atópico que se utiliza desse estereótipo sobre a figura da mulher que possibilita esse dito, ou seja, esses sentidos possíveis de um discurso machista.

Dessa forma, em um discurso tópico existe um enunciador previsto que é o jornalista, logo é necessário que não se perca a ideia de que não é a Dilma falando sobre algo que é mais importante para ela, mas sim um jornalista fazendo recortes. Como ele tem uma legitimidade, o que ele diz torna-se um fato e passa a ser visto como o que realmente acontece. Assim, detecta-se um jornalista, sendo seu campo discursivo o discurso político em um espaço de eleição dizendo sobre a posse da Dilma. E a relação que se estabelece entre esses dois co-enunciadores (jornalista e o leitor) legitima esse discurso.

Dessa forma, isso também remete a noção de contrato de comunicação trazida por Charandeau (2007), já que é um discurso tópico legitimado, existe um contrato também legitimado e esse pressupõe dois co-enunciadores que interagem por meio de uma notícia em que a presidente traz as informações sobre a dieta, e isso atende as expectativas dentro desse contrato. No entanto, essa relação constrói um estereótipo de um sujeito político que no caso é a Dilma. Além disso, Charaudeau (2007) fala do propósito que se constrói a partir da indagação “Do que se trata”, logo isso se relaciona à relevância dessa informação para os leitores, já que ela gira em torno de um domínio de saber.

Para além disso, detectamos que há uma preocupação maior com o corpo da presidente, se ela estará magra em uma “sílfiide” ou não no dia de sua posse. Assim, verifica-se a subversão desse contrato de comunicação e nesse instante a instância midiática passa a não dizer de um jornalista para a instância cidadã, mesmo que a finalidade da comunicação seja uma informação política. Assim, identificamos que o jornal passa a contar a intimidade de uma mulher e que esta deseja estar bonita, mas essa informação é apresentada de uma forma estereotipada. E é nessa estereotipação que observamos a subversão do contrato de comunicação que é atravessado pelo discurso atópico e ele subverte ao que está na superfície

como algo legitimado, pois a instância cidadã fica no lugar de alguém legitimado que está lendo uma informação política, mas ao mesmo tempo está sendo conivente de um ato machista. Essas percepções são de um analista do discurso, porém no ato de leitura cotidiana possivelmente o leitor não vai se atentar para esses detalhes, o que faz com que ele legitime também esse estereótipo e sua perpetuação. É possível observar essa relação através do recorte a seguir da manchete.

Recorte 4

“Presidente Dilma segue dieta para tentar perder 13 quilos até a posse.”
(CRUZ.; SADI, 2014).

Ainda no caminho do processo de estereotipagem, o jornalista traz quais ações Dilma está tomando antes de sua posse, assim há um processo de *intertextualidade*, pois o texto do enunciador se respalda em um dito da Dilma, no entanto sem ser necessariamente esse dito, mas sim um recorte representado por um discurso indireto. Assim, quando esses discursos se relacionam cria-se um relação de interdependência entre eles.

Outra restrição semântica que verificamos é o *tema*. Quando olhamos na paginação do jornal percebemos que a notícia se encontra no caderno de política, mas que tem como *tema* dentro da política a “tentativa” da presidenta em perder 13 quilos e esse texto se desdobra todo sobre essa temática, que não é de cunho informativo político, mas sim de uma figura política com relação a seu corpo. Assim, quando percorremos toda reportagem pouco se diz sobre as ações políticas que ela irá fazer após sua posse. Como exemplo nos recortes abaixo:

Recorte 5

“No Palácio da Alvorada, a petista já até abriu sua geladeira e mostrou a amigos os pratos congelados que compõem seu novo e reduzido cardápio, que costuma incluir uma sopa na entrada para reduzir o apetite.” (CRUZ.; SADI, 2014).

Recorte 6

“Durante a campanha, Dilma teve uma alimentação desregrada.” (CRUZ.; SADI, 2014).

Dentro do caderno político se espera que o tema seja sobre ações políticas e por meio desses recortes percebemos que o *tema* se resume a dieta de Dilma e não suas ações políticas da presidente eleita.

A seguir, é apresentada na íntegra a segunda notícia analisada:⁹

Dilma não tem mais direito a desculpas, diz Aécio
 ITALO NOGUEIRA
 DO RIO
 22/12/2014 19h31

O senador Aécio Neves (PSDB-MG) disse nesta segunda-feira (22) que a presidente Dilma Rousseff não tem mais o "direito a desculpas" pelos escândalos na Petrobras. Para ele, a permanência da presidente da estatal, Maria das Graças Foster, é "totalmente inviável".

Aécio afirmou haver uma "crise de governança" dentro da estatal, por não ter identificado desvios após as denúncias feitas pela ex-gerente Venina Velosa.

"Não há uma clareza em relação à participação da presidente da Petrobras e demais diretores. E há um agravante: quando indagada na CPMI do Congresso Nacional se tinha conhecimento sobre as denúncias, a atual presidente Graça Foster disse que não sabia nada disso. Estamos vendo que a presidente Graça Foster mentiu ao Congresso Nacional. Considero sua sustentação totalmente inviável", disse o tucano, em visita à Casa das Garças, no Rio.

Alan Marques - 3.dez.2014/Folhapress



⁹ NOGUEIRA, I. Dilma não tem mais direito a desculpas, diz Aécio. **Folha de S. Paulo**, Rio de Janeiro, 2014. Caderno de Política. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/12/1566182-dilma-nao-tem-mais-direito-a-desculpas-diz-aecio.shtml>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

O senador Aécio Neves (PSDB-MG) faz discurso no Congresso Nacional

O senador disse que Dilma deve substituir toda a diretoria da Petrobras por uma "equipe profissional".

"Talvez seja o instinto da presidente tentar manter até o último minuto aquilo que é impossível de ser mantido. Hoje não há a capacidade da diretoria da Petrobras, e me refiro a toda ela, de garantir a credibilidade para que a Petrobras estabeleça um novo portfólio de investimentos."

Ele afirmou, contudo, que os desvios na estatal não permitem mais que a presidente peça desculpas pelos prejuízos causados. "Quando candidato, dei a oportunidade de se desculpar com os brasileiros pela ausência de governança na empresa e pelos prejuízos causados. Os escândalos depois da eleição foram tão maiores que sequer direito a desculpas a presidente tenha mais. Aécio afirmou que a ausência de uma política de governança abre a suspeita de casos de corrupção em outras estatais.

"A Petrobras não teve quaisquer controles mínimos que empresas muito menos complexas do que ela determinava ter. Se na Petrobras era assim, será que nas outras empresas [públicas] a governança também era assim? Esse é o pior legado que o PT nos deixa. Uma enorme desconfiança."

Ele defendeu a instalação de uma nova CPI no Congresso que tenha como base as delações premiadas autorizadas pela Justiça. Elas foram ignoradas pela comissão da atual legislatura.

"Não é possível que após tantas confissões, e até retorno de dinheiro ao Brasil, o Congresso Nacional se mantenha blindado em relação a esse gravíssimo escândalo. O Congresso tem a responsabilidade de contribuir com as investigações, inclusive punindo todos aqueles, independente de partido político que tiverem responsabilidade. A nova CPMI não poderá desconhecer a realidade."

Aécio criticou também a nova política de ajuste econômico anunciada pelo novo ministro Joaquim Levy (Fazenda).

"Para esse governo, sem credibilidade, o custo do ajuste será muito mais alto. Existe uma esquizofrenia na condução da política econômica hoje. De um lado a nova equipe anuncia um ajuste fiscal duro. Ao mesmo tempo a mesma equipe insiste em fragilizar a lei de responsabilidade fiscal."

Podemos depreender após a análise que será feita que a instância jornalística tenta construir uma visão positiva sobre o ex-candidato a presidência Aécio Neves. A cena trazida pela matéria diz respeito a uma instância política, na qual se localiza Aécio. Essa tentativa se deve a intenção do ex-candidato a presidência em manter uma boa relação com seu eleitorado, buscando ganhar sua confiança. A mídia enfatizou a postura do ex-candidato a presidência e construiu uma postura negativa da presidenta a partir das frases do candidato. Vejamos os primeiros recortes:

Recorte 1

Dilma não tem mais direito a desculpas, diz Aécio.
(NOGUEIRA, 2014)

Recorte 2

"Quando candidato, dei a oportunidade de se desculpar com os brasileiros pela ausência de governança na empresa e pelos prejuízos causados. Os escândalos depois da eleição foram tão maiores que sequer direito a desculpas a presidente tenha mais."
(NOGUEIRA, 2014)

É importante ressaltar que a partir dos recortes acima, detectamos que existem parágrafos diferentes dos recortes feitos na análise 1, pois na análise 2 notamos que na notícia há a presença de um discurso direto marcado entre aspas. Isso possibilita uma preocupação maior em não dar um tratamento à fala do Aécio como foi dada a fala da Dilma que ocorreu por meio de um discurso indireto. Assim, inferimos que criou-se uma possibilidade do então senador Aécio Neves ocupar um patamar mais elevado a respeito do que é dito com relação as colocações de suas frases na notícia. Nesses discursos, o então senador se coloca como merecedor de um pedido de desculpas, pois diz "Quando candidato, dei a oportunidade de se desculpar...", mas que não irá aceitar devido as diversas chances que ele deu e ela não o fez. A partir da colocação desse recorte é possível notar que ele é agente dessa ação de criar essa oportunidade dela se desculpar e isso implica em um sujeito benevolente que da oportunidade ao outro. Ademais, as eleições ocorrem no Brasil de maneira democrática desde 1989, no qual o voto é obrigatório, porém é secreto, como também, ocorrem debates, apresentação de propostas e os candidatos buscam apresentar sua melhor imagem esforçando para conquistar a empatia da população, que é importante para se manter um bom governo. Porém, há uma tentativa de desestruturar o governo eleito para legitimar o seu discurso.

Se retomarmos a noção de *vocabulário* empregado no decorrer do discurso *crise de governança, direito a desculpas, gravíssimo escândalo*, isso confere a validação do discurso do ex-candidato. Conforme Maingueneau (2008, p.84), “a palavra em si mesma não constitui uma unidade de análise pertinente”. Logo, isso implica dizer que há um vocábulo que orienta o sentido da escolha lexical. Avaliamos que a seleção lexical das falas do Aécio Neves recortada pelo enunciador que o jornalista através dos recortes tem o interesse de desmoralizar o atual governo. Por conseguinte, quando o enunciador faz recortes das frases de Aécio, o *vocabulário* que é atribuído a Dilma constrói a figura de alguém irresponsável com relação ao posto que assume no país. O governo é tão ruim que segundo Aécio: “Para esse governo, sem credibilidade, o custo do ajuste será muito mais alto. Existe uma esquizofrenia na condução da política econômica hoje.” (NOGUEIRA, 2014).

Assim, podemos perceber que os fatos se consolidam por meio de uma seleção lexical que tenta desmoralizar o governo tratando-o como desequilibrado e leviano. Pode-se dizer que o vocábulo que orienta esse sentido seja a palavra *descrédito* devido às escolhas lexicais como, por exemplo, *escândalo, pedido de desculpa, crise de governança*.

Agora, partiremos para nossa última análise com relação a essa notícia. Iremos notar de qual lugar Aécio se prende para tentar deslegitimar o governo de Dilma. Vejamos os recortes:

Recorte 3

Aécio afirmou haver uma "crise de governança" dentro da estatal, por não ter identificado desvios após as denúncias feitas pela ex-gerente Venina Velosa. (NOGUEIRA, 2014).

Recorte 4

Dilma não tem mais direito a desculpas, diz Aécio. (NOGUEIRA, 2014).

Nessa análise, observamos que o discurso do senador se desenvolve a partir de uma suposta crise que assolava o país. Ademais, ele parece aproveitar dessa ideia para tentar deslegitimar o governo da presidenta Dilma, utilizando de outros discursos para que o seu se consolide socialmente. Há também a consolidação do poder masculino quando relacionamos a manchete com a imagem apresentada pelo jornal do candidato uma vez que sua expressão evoca uma responsabilidade e um ato de coragem em desafiar o governo democraticamente

eleito e a sua expressão e sua frase bem colocada, principalmente a que confere título a notícia convoca ao homem toda a responsabilidade. Isso é apresentador no recorte da imagem em que o ex-candidato aparece apontando o dedo com certo tom de agressividade.

Percebemos isso desde há muito tempo no domínio da história das ideias: decompondo em um conjunto de temas um discurso cuja especificidade parece á primeira vista não apresentar a menor dúvida, muito frequentemente fica claro que praticamente nenhum desses temas é realmente original, dado que ele se encontra em múltiplos outros discursos, até nos seus adversários. (MAINGUENEAU, 2008, p. 97-98).

Assim, retomando a ideia de *tema* apresentada por Maingueneau (2008) sendo “aquilo de que um discurso trata”, depreendemos a partir da análise da notícia que o tema dessa notícia é o governo e o seu desgoverno, principalmente quando observamos os recortes e as seleções lexicais utilizadas pelo enunciador no decorrer notícia.

A seguir, a terceira notícia¹⁰ analisada:

Dilma quis mostrar ousadia estética, mas não disfarçou incômodo com look	
PEDRO	DINIZ
DE COLUNISTA DA FOLHA	
02/01/2015 02h00	
Mexe daqui, mexa acolá. O colo exposto e a manga assimétrica do look rendado deram trabalho para Dilma Rousseff em vários momentos da cerimônia de posse do seu segundo mandato como presidente, em Brasília.	
Ao abolir o branco e optar por um tom entre o rosa chá e o off-white, Dilma queria mostrar alguma ousadia estética, ainda que neutralizada pelas cores, e distanciar-se da imagem asséptica do tailleur usado em 2010, quando assumiu o executivo pela primeira vez.	
As barras rendadas e a manga mais justa, no entanto, incomodavam a presidente, que puxava as pontas da blusa e ajeitava o relógio de ouro arrematado com sua tradicional pulseira de olho grego –o pingente espantaria o mau-olhado –tentando disfarçar o problema.	

Sérgio Lima/Folhapress

¹⁰ DINIZ, P. Dilma quis mostrar ousadia estética, mas não disfarçou incômodo com look. Folha de S. Paulo, São Paulo. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/01/1569634-dilma-quis-mostrar-ousadia-estetica-mas-nao-disfarcou-incomodo-com-look-rendado.shtml>>. Acesso em: 13 nov. 2019.



Dilma Rousseff e seu vestido de renda após a proclamação de sua posse, na Câmara

O conjunto de saia e blusa foi confeccionado pela gaúcha Juliana Pereira-apesar de a costureira oficial de Dilma Rousseff ser Luisa Stadlander, também gaúcha, que cuida do guarda-roupa da presidente e de sua família. Os cabelos, mais curtos e iluminados por tons de loiro, têm a assinatura de Celso Kamura.

A silhueta em "A" da parte de cima da roupa escondeu os quilos extras da presidente, que antes de assumir a presidência costumava usar looks de alfaiataria, mais sisudos e sóbrios.

As rendas e o tipo de cor usados na posse são comuns em vestidos das noivas que se casam pela segunda vez. Curiosamente, um buquê de rosas foi jogado pelo público quando a presidente subiu a rampa do planalto. Dilma preferiu não usar o acessório quando colocou em si mesma a faixa presidencial-que não caiu tão bem no colo rendado e precisou constantemente ser ajustada por ela. Outro ponto que chamou a atenção foi a escolha, premeditada e cheia de significados, do visual das outras duas mulheres que apareceram ao lado de Dilma: a filha, Paula, e a mulher do vice-presidente Michel Temer, Marcela.

Marcelo Sayao/Efe



Paula Rousseff, Dilma, Michel Temer e Marcela Temer na cerimônia de posse

Paula usou um vestido vermelho decotado, a cor do partido da mãe. Já Marcela, centro das atenções na cerimônia de posse de 2010 quando apareceu com um look que valorizava suas curvas, ficou em segundo plano com um vestido simples da alagoana Martha Medeiros. Rendado era romântico e ficaria apagado se não fosse o laço na cintura.

Nessa análise observamos mais uma vez as restrições semânticas. Assim, a partir do conceito de *vocabulário* fica claro novamente uma preocupação da instância midiática com a estética de Dilma Rousseff, sendo ela eleita como presidenta do Brasil. Ademais, observamos alguns léxicos utilizados pelo redator, por exemplo, *assimétrica*, *look rendado*, *barras rendadas*, *manga mais justa* conferindo a Dilma a representação de uma mulher que não consegue se portar de maneira elegante. Veja o recorte a seguir:

Recorte 1

“Mexe daqui, mexa acolá. O colo exposto e a manga assimétrica do look rendado deram trabalho para Dilma Rousseff em vários momentos da cerimônia de posse do seu segundo mandato como presidente, em Brasília.” (DINIZ, 2014).

Detectamos que algumas expressões como, “mexi aqui, mexe acolá” trazem uma comicidade a postura da Presidenta no momento de sua posse, como se ela não estivesse à

vontade no ambiente e isso era devido a sua vestimenta. Ademais, isso ocorria devido ao “colo exposto e a manga rendada”. O enunciador tenta passar uma imagem de que Dilma não estava acostumada com essas peculiaridades que a mulheres enfrentam para se vestirem de maneira elegante e mesmo ela vestindo um look rendado, ela não tinha elegância para tal. Nos recortes feitos notamos um comparativo entre mulheres. Vejamos:

Recorte 2

“O conjunto de saia e blusa foi confeccionado pela gaúcha Juliana Pereira-apesar de a costureira oficial de Dilma Rousseff ser Luisa Stadlander, também gaúcha, que cuida do guarda-roupa da presidente e de sua família.” (DINIZ, 2014).

Recorte 3

“Paula usou um vestido vermelho decotado, a cor do partido da mãe. Já Marcela, centro das atenções na cerimônia de posse de 2010 quando apareceu com um look que valorizava suas curvas, ficou em segundo plano com um vestido simples da alagoana Martha Medeiros. Rendado era romântico e ficaria apagado se não fosse o laço na cintura.” (DINIZ, 2014).

Nesses recortes, percebemos o tema que se desenvolve a partir da vestimenta que as mulheres usaram na posse. Dilma é colocada em segundo plano mesmo sendo uma pessoa de destaque no evento. Marcela Temer é retratado como o centro das atenções nas eleições de 2010, pois seu look valorizava suas curvas na época, na posse de 2015 ficou em segundo plano, pois suas roupas não favoreciam seu corpo. Assim, detectamos a presença de um discurso atópico que é o discurso machista e esse atravessa um discurso que deveria ser político, mas que mais uma vez representa a mulher como sendo um corpo bonito e que deve vestir roupas que valorizem suas curvas.

Além disso, há um efeito de sentido, pois nesse discurso a mulher deve se vestir de maneira elegante e o julgamento se ela está bem vestida ou não está impregnada em nosso imaginário sociodiscursivo, pois todo campo discursivo se estabelece a partir de citações de discursos anteriores. Logo, nesse caso podemos dizer que a um discurso patriarcal que coloca a mulher como refém de sua própria beleza, ou seja, uma mulher idealizada e esse discurso constrói para si um passado específico atribuindo determinadas relações e excluindo outras.

Entretanto, identificamos que a construção da mídia de uma figura deselegante pode simplesmente ocorrer devido ao fato da mudança da presidenta em seu modo de vestir. Vejamos o recorte:

Recorte 4

“Ao abolir o branco e optar por um tom entre o rosa chá e o off-white, Dilma queria mostrar alguma ousadia estética, ainda que neutralizada pelas cores, e distanciar-se da imagem asséptica do *tailleur* usado em 2010, quando assumiu o executivo pela primeira vez.” (DINIZ, 2014).

Recorte 5

“As rendas e o tipo de cor usados na posse são comuns em vestidos das noivas que se casam pela segunda vez. Curiosamente, um buquê de rosas foi jogado pelo público quando a presidente subiu a rampa do planalto. Dilma preferiu não usar o acessório quando colocou em si mesma a faixa presidencial-que não caiu tão bem no colo rendado e precisou constantemente ser ajustada por ela.” (DINIZ, 2014).

Nesses trechos, percebemos que o enunciador sempre utiliza léxicos para tentar ressaltar que Dilma não conseguiu se portar de maneira elegante. No uso da palavra “queria” temos uma colocação no passado, ou seja, algo que não poderá ser mudado e faz um comparativo entre a posse e um casamento. Detectamos a partir dos recortes que há uma possível relação interdiscursiva com esse universo do casamento “As rendas e o tipo de cor usados na posse são comuns em vestidos das noivas que se casam pela segunda vez.” Logo, observamos uma relação do segundo mandato da candidata em um comparativo com um segundo casamento. Por isso, o enunciador também constrói uma relação de um casamento com a posse, dando a entender que ela não estava adequada para o momento “Dilma preferiu não usar o acessório quando colocou em si mesma a faixa presidencial-que não caiu tão bem no colo rendado e precisou constantemente ser ajustada por ela”, ou seja, seu *look* era de uma mulher que iria se casar novamente e não de uma presidente que está sendo empossada. Logo, detectamos a presença de um discurso estereotipado que tenta colocar a mulher sempre em seu devido lugar tradicional, como a esposa, mas uma esposa que deu errado por já estar em um segundo casamento e nesse também já começou não dando certo, partindo do ponto de vista da aparência.

8.1 Análise dos dados

Nossa análise possibilitou uma percepção mais tênue de como ocorre à construção do discurso jornalístico quando o assunto é política. Partindo dos pressupostos apresentados, por Maingueneau (2008) sobre o discurso, como sendo uma relação heterogênea entre discursos e também um processo ideológico. Logo, retornamos ao interdiscurso e podemos observar nos recortes das notícias a presença de duas divisões discursivas apresentadas pelo autor em sua tríade, a primeira o discurso tópico que é o discurso político e sua representação na esfera jornalística; mas também notamos um atravessar de um discurso atópico que atribuímos como machista.

Assim, os recortes feitos explicitam que a mulher é retratada como alguém que está mais preocupada com seu emagrecimento até a posse. Essa mesma mulher aparece em uma imagem presa a uma lança de um dragão da independência que é uma figura masculina que representa uma estabilidade e apresenta uma firmeza para segurá-la. Destaca-se também a preocupação com a vestimenta da presidenta. O enunciador faz um comparativo da sua roupa com um casamento, ou seja, a construção de uma figura que deve ocupar o espaço de casa e que estava vestida para tal.

Posto isso, ao fazer um comparativo com a notícia que representa a figura de Aécio notamos que há uma situação de imponência, força e braveza que é construída pelo redator da notícia que parece ter o intuito de construir a imagem de um benfeitor e isso fica claro quando observamos a manchete da notícia *“Dilma não tem mais direito a desculpas, diz Aécio”*. Logo, notamos que a mulher é colocada em um lugar de inferioridade e futilidade, pois sempre está devendo um pedido de desculpas e não o faz mesmo tendo tido várias oportunidades. Além disso, mesmo sendo uma presidenta eleita democraticamente está preocupada somente em estar magra e com roupas elegantes.

Ademais, observamos que além do discurso atópico apresentado nas notícias foi possível detectar a presença de um estereótipo feminino que também releva os traços do interdiscurso estabelecido por Maingueneau (2008) por estar presente em nossas formações discursivas. A nosso ver, o enunciador, evidencia a mulher no processo eleitoral, como sendo uma figura que está ligada à aparência, e essa questão está muito presente no imaginário discursivo dos co-enunciadores e esses acabam não percebendo a intencionalidade discursiva existente por trás dessas construções.

Além disso, quando relacionamos essas construções com o contrato de comunicação estabelecido por Charaudeau (2007, p.67), *“A situação de comunicação é como um palco, com suas restrições de espaço, de tempo, de palavra no qual se encenam trocas sociais e que*

constitui seu valor simbólico”. Logo, nos lembramos dos dados externos estabelecidos pelo autor, os quais permeiam toda construção da notícia que temos como a condição de identidade, finalidade, propósito e dispositivo. Como condições de identidade têm-se uma instância jornalística partindo de um dizer de um enunciador. Nas notícias que retratam propriamente a figura de Dilma, detectamos um enunciador que diz de si mesmo sobre a candidata. Já na notícia que retrata a figura do Aécio, temos um enunciador que faz recortes nas frases do candidato e que diz de uma segunda pessoa, que no caso é a presidente Dilma.

Na *condição de finalidade* encontramos novamente uma instância midiática que tem como foco levar a informação para a instância cidadã sobre assuntos políticos e que se relaciona com a *condição de propósito* que se constrói entorno de um ato de conhecimento e diz do que se trata o assunto. Por fim, temos a *condição de dispositivo* que são os meios em que o ato de comunicação se constrói e o lugar que ocupa; nesse caso ele se dá por meio dos lugares políticos ocupados pelos candidatos. Porém, quando analisamos as notícias a partir do contrato de comunicação detectamos uma subversão dessas, pois o jornal passa a retratar uma informação que deveria ser de cunho político informativo, pois primeiro se encontra em um caderno político e segundo retrata figuras políticas. Entretanto, o que acontece é que o enunciador passa a dizer de uma mulher e de seu desejo de estar magra e bem vestida. Ademais, isso talvez não fosse errado se estivesse sendo retratado por uma notícia sobre moda ou formas de emagrecer, mas como isso se encontra em um caderno político, ou “O Poder” como essa seção é retratada na folha de S. Paulo, logo não detectamos uma representação feminina como uma figura de poder, ao contrario do candidato Aécio que ocupa uma figura de poder e notamos isso a partir da construção de frases na notícia e relacionando-as com a imagem utilizada.

Outro aspecto pertinente é a construção de expressões e a utilização de vocabulários no decorrer da notícia. Notamos que as palavras atribuídas a Dilma sempre traz uma carga de descrédito e de uma figura que não tem relevância política, já que suas preocupações não são essas. Como, por exemplo, “As barras rendadas e a manga mais justa, no entanto, incomodavam a presidente, que puxava as pontas da blusa e ajeitava o relógio de ouro arrematado com sua tradicional pulseira de olho grego –o pingente espantaria o mau-olhado – tentando disfarçar o problema.” Ou seja, ela estava tentando disfarçar o problema com suas roupas e essa era sua única preocupação no dia de sua posse e não o evento que estava acontecendo. Na notícia em que o enunciador parte de um dizer do até então senador Aécio Neves sobre a presidente Dilma, detectamos a utilização de expressões para uma tentativa de desfavorecer Dilma “direito a desculpas”, “crise de governança”, “para esse governo, sem

credibilidade”. Assim, podemos dizer que há uma tentativa de desfavorecer a mulher e retratá-la como alguém com preocupações fúteis ou que sempre está cometendo algum erro e que deve se desculpar mesmo ocupando um espaço de autoridade política máxima no país.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim deste trabalho, podemos observar as formações identitárias da mulher na política. Detectamos essas formações a partir da linguagem, que é uma forma de construção social, e através dela podemos notar os conflitos existentes entre a identidade feminina e masculina e os lugares estereotipados ocupados por ambos. Notamos uma série de traços que comprovam esse discurso machista e que corroboram para a constituição do discurso jornalístico. Partimos da noção de discurso e de interdiscurso para mostrar que há um discurso machista dentro do discurso jornalístico. Classificamos o discurso machista como um tipo de agressão pela forma de dizer. Por esse motivo, partimos para conclusão, confirmando que o discurso machista é um discurso atópico. Ou seja, é um discurso que está à margem de outros, os quais Maingueneau (2010b) citado por Cano (2012) chama de discursos tópico e paratópico, sendo o discurso atópico não legitimado socialmente, mas que está impregnado no imaginário sociodiscursivo dos co-enunciadores que estão em contato com discursos que são legitimados. Assim, a manifestação de um discurso machista fica, então, velada.

Como discurso atópico, o discurso machista na política recebe um olhar mais cuidadoso a partir das análises. Apresentar novas formas de notar a presença desse tipo de discurso nos leva a um olhar mais sensível a respeito de sua construção, bem como uma desconstrução do nosso imaginário discursivo com relação a esse tipo de discurso. Queremos dizer, por exemplo, que é fácil dizer que um indivíduo agrediu o outro fisicamente quando essa ação é assistida por um público. Porém, quando essa relação se constrói no nível da linguagem e por meio de um discurso legitimado, como é o caso do discurso jornalístico, esse dizer confirmativo fica complicado, pois é necessária uma percepção aguçada dos coenunciadores, pois ninguém se diz machista.

A compreensão a respeito do discurso atópico também possibilitou apresentá-lo no posicionamento dos enunciadores e na subversão do contrato de comunicação estabelecido pela mídia. Esse posicionamento mostrou-se formado por uma série de traços estabelecidos pela tríade interdiscursiva estabelecida por Maingueneau (2008). Assim, notamos que somos rodeados por fontes ideológicas que são construídas no decorrer de nossa vida, no entanto o posicionamento que assumimos no decorrer da vida vai muito além de assumir uma opinião

ideológica, pois quando assumimos um posicionamento que vai de acordo com um discurso machista, assumimos a posição de que o mundo é permeado por esse discurso e que isso não nos causa espanto.

Podemos notar que o discurso machista que permeia a política também é construído a partir de um estereótipo constituído socialmente e que também se encontra impregnado em nosso imaginário sociodiscursivo. A construção de um estereótipo pode ser trabalhada como positiva ou negativa. Quando retomamos as análises feitas temos a presença da figura feminina apresentando suas preocupações com a estética do corpo no emagrecer que pode ser algo positivo, pois isso pode ser importante para ela se sentir bem e também por cuidados com a saúde. Porém, pela forma como isso é retratado pelo enunciador notamos uma intenção de trazer um estereótipo feminino de preocupação com o corpo, mesmo assumindo cargos de poder. Ademais, isso pode levar a pensar: será que uma mulher que tem preocupações irrelevantes está preparada para assumir um cargo de alta responsabilidade política. Logo, temos uma face negativa do estereótipo, pois a figura presidenciável é retratada com certo descrédito. Assim, colocar o outro em estereótipo negativo é construir também um discurso machista.

Na mesma dimensão, notamos que as restrições semânticas como, intertextualidade, tema e vocabulário estão diretamente relacionadas à nossa percepção da existência de um discurso machista na política e estereotipado. Logo, quando notamos que o enunciador utiliza de *temas* como o *descrédito*, *vestimenta* relacionada à figura da mulher, vocabulário “*crise de governança*”, “*direito a desculpa*” que trata o governo como problemático e trata a mulher como incapaz e intertextualidade, no qual o enunciador se respalda num dito da Dilma mesmo sendo um discurso direto. O enunciador utiliza desses recursos semânticos criando uma desvalorização da figura da mulher política.

Além disso, a partir desses apontamentos e respaldando-nos em Charaudeau (2007) verificamos que o discurso machista na política está presente na representação da mulher na instância jornalística relacionadas à visão estereotipada da imagem feminina. Ela chega ao discurso jornalístico a partir do contrato de comunicação e notamos uma alteração desse contrato no momento em que o enunciador passa a não dizer de uma instância midiática que tem como foco a informação, mas sim passa a dizer da intimidade de uma candidata já eleita.

A partir da noção de discurso machista na política, que é uma atopia, podemos compreender melhor as relações que são estabelecidas entre o discurso jornalístico e o discurso político e o atravessamento de um discurso atópico. Assim, o trabalho aqui feito vem trazer um olhar mais cuidadoso para esse fenômeno que está muito presente em diversos

discursos tópicos. Por fim, é importante salientar que não tratamos as pessoas ou objetos que se encontravam em nossas análises como boas ou ruins, o nosso objetivo foi simplesmente demonstrar como ocorre a construção do discurso machista na política, cuja percepção do mesmo é muito difícil aos coenunciadores e ao próprio enunciador, pois o discurso atópico está presente em nosso imaginário sociodiscursivo e ocorre de maneira inconsciente. Por isso, a proposta vai muito além desse espaço palpável e concreto de análise e alcança um nível que busca tornar consciente e perceptível esse discurso machista na esfera política e a sua construção no jornalismo. Assim, a partir dessa tomada de consciência é possível combatê-lo.

REREFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. rev. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

CANO, M. R. O. **A manifestação dos estados de violência no discurso jornalístico**. 2012. Tese (Doutorado em Análise do Discurso). Pontífca Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

CONSTANTINO, R.. Em ao menos um aspecto o PT já conseguiu nos transformar na Venezuela. **Folha de S. Paulo**. Disponível em: <<https://rota2014.blogspot.com/2014/10/em-ao-menos-um-aspecto-o-pt-ja.html>>. Acesso em: 14 set.2019.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

CRUZ, V.; SADI, A. Presidente Dilma segue dieta para tentar perder 13 kilos até a posse. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 21 jan. 2014. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/12/1565507-presidente-dilma-segue-dieta-para-tentar-perder-13-quilos-ate-a-posse.shtml>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

DINIZ, P. Dilma quis mostrar ousadia estética, mas não disfarçou incômodo com look. **Folha de S. Paulo**, São Paulo. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/01/1569634-dilma-quis-mostrar-ousadia-estetica-mas-nao-disfarcou-incomodo-com-look-rendado.shtml>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

LIPPMANN, W. **Opinião Pública**. Petrópolis: Vozes, 2017.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Criar Edições, 2008.

_____. Análise do Discurso e suas fronteiras. **Revista Matruga**. Rio de Janeiro, v.14, n.20, p.13-p.37, 2007. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/matruga/matruga20/arqs/matruga20a01.pdf>>. Acesso em: 14 nov.

MENDOÇA, R. Dilma e Aécio chegam ao dia da decisão com disputa mais acirrada desde 89. **Folha de S. Paulo**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/10/1538451-dilma-e-aecio-chegam-ao-dia-do-pleito-com-disputa-mais-acirrada-desde-1989.shtml>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

NERY, N. As escapadas de Dilma. **Folha de S. Paulo**, Brasília, 2013. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=19604&keyword=dilma%2Cescapadas&anchor=5891447&origem=busca&_mather=c4341085d60cb85d&pd=24492825ce5215395927a05089d537cd>. Acesso em 18 set. 2019.

NERY, N. Na estrada com Aécio. **Folha de S. Paulo**, Brasília, 2013. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=19709&keyword=estrada%2CAecio&anchor=5908713&origem=busca&_mather=c4341085d60cb85d&pd=02e4ff540c4dcb4aec338f3d92522e00>. Acesso em 18 set. 2019.

NOGUEIRA, I. Dilma não tem mais direito a desculpas, diz Aécio. **Folha de S. Paulo**, Rio de Janeiro, 2014. Caderno de Política. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/12/1566182-dilma-nao-tem-mais-direito-a-desculpas-diz-aecio.shtml>>. Acesso em: 13 nov. 2019.2019.

PIMENTA, P. F. **Lugar de mulher é na reitoria**: análise discursivo-crítica das formações identitárias e das relações de poder de mulheres do alto escalão nas IFES mineiras. 2019. Tese. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

SILVA, L. S. **A mulher na política**: representação, gênero e violência no discurso jornalístico. 2013. Tese. Pontífica Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

ANEXOS

A8 poder ★ ★ ★ DOMINGO, 1º DE SETEMBRO DE 2013

FOLHA DE SÃO PAULO

CHINA
A segurança chinesa ficou enfiada com a decisão da presidente de dar uma escapadinha durante visita oficial. Autoridades não admitiram o pedido da chefe de Estado. Mas Dilma deu de ombros. Queriu ter a chance de passear em paz. Na Itália, a mesma coisa. Desprezou a segurança, os carros oficiais e foi passear por museus. A fugidinha é rotina lá fora.



Escapadas de Dilma

Presidente costuma escapar da segurança para ver parentes e amigos em Brasília e passear no exterior, mas às vezes não percebe que está sob vigilância de agentes disfarçados

PROVADOR
Nos raras passadas que dá em férias, Dilma aproveitou um tempo de sobra em uma viagem ao exterior para dar uma olhadinha nas novidades. Mas deu ordem para a segurança não acompanhá-la. O general fingiu acatar o comando. Mas, de longe, só se viu um homem esguio, de terno preto e "macarrão" na orelha escondido atrás das araras a tomar conta da presidente.



GREVE GERAL
Em setembro passado, após servidores ameaçarem fazer greve por aumento de salário, o general Amaro, chefe da segurança da Presidência, fez aniversário. Dilma chamou toda a equipe para cantar parabéns. E chamou a atenção a musiquinha feita pela chefe: "o general é um bom companheiro! geral é um bom companheiro!" não faz greve geral". Volta e meia, ela repete a cantoria. Discretos, Amaro solta um sorriso tímido.

MATUZA NERY
em Brasília

"Cristal em deslocamento", avisa pelo rádio um homem alto, óculos escuros, terno preto, expressão grave. "Cristal chegando", responde outro agente igualmente caricatizado.

"Cristal" é talvez a pessoa mais vigiada do país, mas tem o hábito de dar um trabalho danado para o general Marcos Antônio Amaro dos Santos, 55, principal responsável por sua segurança pessoal.

"Cristal" é o codinome usado —ou pelo menos era até a semana passada— pelos militares cuja missão é proteger a presidente Dilma Rousseff.

Sem dar na vista, a mandandria costuma dar escapadinhas com certa frequência.

Visita parentes em Brasília a bordo de um carro disfarçado. Já jantou em casa de ministro e saiu para tomar uma taça de vinho com amigos sem que muitos notassem.

Como a Folha revelou na semana retrasada, a presidente prontou no dia 4 de agosto, quando liberou a guarda de plantão e avisou que ficaria no Palácio da Alvorada.

Enquanto seus agentes participam de uma cerimônia de troca da bandeira na praça dos Três Poderes, a presidente montou na garupa de uma Harley-Davidson do secretário-executivo Carlos Galvão (Presidência). Rodou Brasília ouvindo o rock que saía dos pequenos fones escutados ao capacete.

Privada pelos limites do cargo de seus programas proleiros, como ir ao cinema, teatro e ópera, Dilma mandou eliminar a ambulância que normalmente segue seu comboio presidencial —quanto mais gente no encaixo, mais difícil a fugidinha.

Numa viagem a Nova York, Dilma quis dar uma volta no Central Park "suzinha". O general Amaro foi que concordou, e ela nem descobriu dos agentes que vigiam seus movimentos disfarçados de corredores.

Em outro giro internacional, entrou numa loja satisfeita por seu momento "cidadã comum". Só não notou os grandalhões vestidos de "Homens de Preto" se escondendo meio sem jeito atrás das araras de roupas.

METRÔ DE LONDRES
Rumo a uma galeria de arte, Dilma ficou parada no trânsito. Cançou de esperar e desceu do carro dizendo: "You de meet!". O oficial da Scotland Yard, responsável por sua segurança no país, perdeu a mandaluzia de vista. "Where is the president of Brazil? (Onde está a presidente do Brasil?)", gritava ele. Dilma fez como prometido. Algumas estações adiante, só viu: toda tranqüila, comprando uma banana em uma barrquinha de frutas.



CUBA
Dilma queria andar pelas ruas de Havana sem o assédio de guarda-costas. Como os policiais cubanos não davam tchau, a presidente veio e disse: "Não quero perigo!". Os homens de Fidel e Raúl Castro, curiosamente, obedeceram. E a presidente pôde aproveitar o momento para ir jantar a sós com seus ministros em um restaurante da capital. O general Amaro, chefe da segurança, era o único militar presente.



CARTÃO
Dilma saiu do Alvorada em um carro com placa "13a" (sem a placa de bronze escrito "presidência"). Deixou o carro oficial guardado na garagem para não chamar atenção: "Disfarçada", a presidente foi visitar um parente que vive em Brasília. Até hoje, despois que sabem de escapadinhas, assessores brigam dizendo que ela fugiu de casa para jogar cartão.

Noas escapadas, a presidente é levada em um carro discreto, um sedã cinza metálico, descaracterizado. E sem escoltas nem comboio.

Certa vez, lembrada por jornalistas de que poderia frequentar salas de cinema chegando após o início das sessões, como fazia o ex-presidente Itamar Franco, ela respondeu de forma enigmática: "E eu não sei".

LEIA MAIS sobre a moto usada por Dilma em "Falcão", pág. 12

BEATRIZ ALMEIDA



BEIJOS E UNHADAS

Em evento em Belém, Aécio foi assaltado por uma multidão formada por pessoas de comunidades pobres. Quando passou perto de um grupo de militantes do movimento gay que gritavam, o tucano apavorado e mandou beijos e unhas. Os militantes disseram pulou de alegria com o gesto. Ao voltar para o avião todo amarrado, descobriu as unhas e apertões daquele dia



COCAR, NEM PENSAR

Ao embarcar no jatinho, Aécio fez o sinal da cruz e apontou para um arco e flecha esculpado em um canto da aeronave: "Carnei dos índios de São Paulo. Não bota cocar na cabeça. Tancredo [Neves] morreu pouco dias depois de cocar um na cabeça. A última foto do Ulysses Guimarães vivo foi com um cocar"

NA ESTRADA COM Aécio



DIÁRIOS DE MOTOCICLETA
"Vou pegar um carro e fazer combates pelo Brasil. Vou fazer Curitiba Santarém, andar pela obra de São Francisco, pegar um barco e ir ao rio Negro, ir de carro, dominar onde der, ficar a boca suada der. Se beber pegu de moto um pedaço. Vamos tomar cerveja num lugar, reunir pessoal do agronegócio com outro"

A bordo de bimotor, senador tucano fala sobre o avô Tancredo Neves e diz torcer para que delator do mensalão consiga prisão domiciliar

NATUZA NERY

«Acende às 14h da manhã com Angela na cabeça. Minha sobrinha de seis anos não sabe que o mal teve um AVC (acidente vascular cerebral)», diz Aécio Neves, mais direita à testa.
Sentado a bordo de um bimotor que o levanta a Belém no dia 5 passado, o senador do PSDI aperta o cinto de segurança e faz o sinal da cruz.
Antes de começar o giro por localidades do Norte e do Sudeste, volta a falar da irmã mais nova, de 45 anos, enterrada três dias antes.
«Não conseguia voilar a bordo», diz o senador, 53, provável candidato tucano à Presidência. E afirma que a irmã nasceu na madrugada e a água a tomar a decisão de «fazer combates pelo Brasil».
Em Belém, uma viúva o leva a um centro de convenções onde centenas de pessoas o esperam amontoadas. A coretores da imagem elitista associada aos eventos do PSDI. O tremor marca 30 graus.
As 22h45, os motores do jatinho já estão ligados. A via-

gem continua rumo ao Rio, onde ele verá Angela antes de seguir para Americana, Campinas e Sorocaba (SP).
Uma senhora entra no avião com presentes em duas caixas de isopor. Aécio suspira um dos potes sobre as pernas e cara colubetada farta de sorvete de tapioca.
«Será que vão dar prisão domiciliar para o Roberto Jefferson, delator do mensalão, condenado à prisão no julgamento do canal? Espero que sim. Não torço pelo indulto de ninguém».
Algumas horas mais tarde, o ministro fala da pior cena de que se recorda: ver o calção do avô subindo a rampa do Palácio do Planalto. Na memória, a última frase do presidente antes de morrer: «Tá não me cria isso».
«No Hospital de Base (onde Tancredo fora internado, em Brasília) era uma confusão de gente. Uma coisa críminosa o que aqueles filhos da puta fizeram. Tinha médico, parlamentares, que entrava dançando cartetada. Entraram na sala na hora da cirurgia com batinquinho para ver a operação», diz.



CONSELHO

Rumo a Belém, um aliado tucano disse que perdeu uma eleição para prefeito porque era três meses mais novo que o rival. A pequena cidade de Busnanga viveu uma guerra campal. Cada candidato recebeu votos 4.587 votos. Na hora em que o aliado relatava o infortúnio, Aécio vivia-se para o corrigidor e disse: «Se você tivesse cumprimentado aquela senhora na padaria...»



LULA, O FREGUÊS

«Tô com o cangaço. Fui algumas sobre a vida. Conheci o Lula quando era o menino de lona do meu time na Constituinte. Ele não era famoso assim, não. Era o lateral-esquerdo, grosso, grã cacete, mas era o melhor de papo ali. Não foi uma relação lá afetada pelo combate político. Eu forneci muita cachorrada da minha lapada e ele, Arnanal, Lula era freguês, no Alvorada tinha sempre uma lá»



PROVOCAÇÃO A CAMPOS

«Tá aí, você acha que o Eduardo vai até o fim? Por via das dúvidas, é bom que vá», disse o senador a um aliado, enquanto sorria e olhava para a reportagem. A indagação é a mesma que Eduardo Campos fez ao mencionar Aécio em viagem recente, também acompanhada pela Folha